

GANHE CDS: ITSARI E RIDING PÂNICO * 54 RESENHAS DE CDS * 6 ENTREVISTAS * 5 RESENHAS DE SHOWS

HORN SUP

Nº1 - Junho/Julho 08



Nº 1

CATARACT

10 anos de agressividade

ENTREVISTAS:

NASUM
WE ARE THE DAMNED
AYAT AKRASS
ENVYDUST
BURIED YESTERDAY

AO VIVO:

OSZDY OSBOURNE/KORN
ABC PRO HC
THE BLACK DAHLIA MURDER
SEPULTURA
NAPALM DEATH/SUFFOCATION

PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES DE GRÂNDOLA

FESTIVAL METAL DE GRÂNDOLA

27 E 28 JUNHO

METAL GDL

2008 - 3ª EDIÇÃO

DEVILDRIVER

KRISIUN HATESPHERE

LAY DOWN ROTTEN

THANATOSCHIZO

SEVEN STITCHES

MEN EATER SWITCHTENSE

CORPUS CHRISTI

THE RANSACK

CONCEALMENT

REQUIEM LAUS

CONFRONT HATE

THE FIRSTBORN



14



16



18



20



22



10

ÍNDICE

EDITORIAL4

GANHE!4

NOTÍCIAS5

PT SAUDAÇÕES5

OLD SCHOOL7

SANGUE NOVO8

CATARACT10

NASUM14

WE ARE THE DAMNED16

AYAT AKRASS18

ENVYDUST20

BURIED YESTERDAY22

RESENHAS24

FILMES/GAMES35

AO VIVO36

Organização

Apoio

Colaboração

ageGDL

Grândola

LOUD!

+

INFORMAÇÕES EM BREVE

WWW.MYSPACE.COM/METALGDL

HORNSUP #1

3

Editor-Chefe
Matheus Moura

Colaboradores nesta edição
André Henrique Franco, Bruno Pereira, Charline Messa, Flávio Croffi, Igor Lemos, João Henrique, Julio Schwan, Leandro Everton, Luiz Felipe Leite, Odilon Herculano, Paulo Vitor, PT, Ricardo Michilizzi

Fotos
Luiz Felipe Leite, Charline Messa, Manuel Vargas, Robert Johansson, Fran Strine, Paulo Vitor Zanella Tavares, Guilherme Infine, Pedro Roque

Design, Paginação, Webdesign
Matheus Moura

Revisão
Matheus Moura

Publicidade
hornsup@netcabo.pt

Website
www.hornsup.net

Envio de material

Portugal/Europa
HORNSUP
Att: Matheus Moura
Rua Dr. Coutinho Paes, 167 8ºC
2725 Algueirão-Mem Martins
Portugal

Brasil
HORNSUP
Att: Paulo Vitor Macêdo
Rua Joaquim Gois, nº 88,
Edifício Mansão Drummond,
Apartamento 102
13 de Julho
Aracaju - Sergipe
Brasil
CEP: 49020-130

Contato
huinfo@hornsup.net

HORNSUP
Rua Dr. Coutinho Paes, 167 8ºC2
725 Algueirão-Mem Martins
Portugal

Procura-se

Estamos sempre em busca de novos colaboradores. Se acha que pode se tornar parte de nossa equipe, envie um e-mail para huinfo@hornsup.net mostre do que é capaz!

EDITORIAL

A NEW LEVEL

Passados 8 anos desde o surgimento do website HORNSUP, o mesmo passou por diversas transformações, tanto à nível gráfico quanto de conteúdo, porém, nenhuma delas foi tão radical quanto a que está prestes a presenciar. Mantendo a web como base (enquanto ninguém coloca a mão no bolso para pagar a impressão), adotamos o formato de revista digital. A partir de agora, bimestralmente, terá a sua disposição uma “magazine” completa com notícias, colunas, matérias, entrevistas e resenhas. Com esse formato buscamos aperfeiçoar o conteúdo, dando maior profundidade aos temas com uma apresentação personalizada e profissional. Não é um projeto pretencioso, nem tão pouco inovador, apenas a evolução natural que se faz presente. Aproveito a oportunidade para agradecer a todos o “Horners” que nos acompanham, ou acompanharam, pelas diversas fases deste projeto, assim como aos colaboradores, e ex-colaboradores, que fazem com que tudo isso seja possível e, acima de tudo, prazeroso. Espero sinceramente que curtam!

Citando o intelectual Nelson Muntz: **“Smell ya later.”**



HORNSUP Headquarters Portugal

GANHE!



A **Raging Planet** oferece aos leitores da HORNSUP uma (1) cópia de “Lady Cobra”, o álbum de estréia da banda portuguesa **Riding Pânico**.



Habilite-se a ganhar um (1) álbum “Imperial” da banda petropolitana **Itsari** oferecido pela **Travolta Discos**.

Para concorrer as promoções visite www.hornsup.net e saiba com se inscrever.

Sorteio: 20 de Julho de 2008

Nesse espaço serão divulgados os nomes dos vencedores das promoções. Fique atento!

NOTÍCIAS

POR ANDRÉ HENRIQUE FRANCO

IN FLAMES

Na Billboard Top 200



O novo álbum do In Flames, “A Sense Of Purpose” debutou na posição número 28 no Billboard Top 200, com mais de 20.000 unidades vendidas nos EUA em sua primeira semana. A banda também alcançou posições expressíveis em vários países da Europa, Canada e Japão. Com esse novo registro, o In Flames alcançou a posição número 1 no Billboard’s Top Independent Album e a posição número 2 no Billboard’s Hard Music. Além disso, a banda quebrou um recorde na Suécia, onde as músicas de “A Sense Of Purpose” tiveram mais de 1 milhão de streamings durante sua semana de “album premiere” no MySpace, batendo o Meshuggah, que obteve 255 mil plays com seu novo álbum “ObZen”.

POISON THE WELL

Estréia na América do Sul

O Poison The Well será mais uma banda a se apresentar pela primeira vez na América do Sul através da Liberation Media Company. Em Agosto, a banda passará por Equador, Colômbia, Chile e, no dia 10, encerrará sua tour no Brasil, em São Paulo. Para esse último show a Liberation já confirmou as presenças das bandas brazucas Glória e Envydust. O Poison The Well lançou o seu 4º full-length, “Versions”, em Abril do ano passado pela Ferret.

DEAD TO FALL

Fim anunciado

Após 9 anos na estrada e 4 álbuns lançados (todos pela Victory Records), o Dead To Fall anunciou o seu fim. No MySpace dos caras você pode ler a declaração oficial sobre o acontecimento. A banda era parte integrante da “The Super Massive Fist Tour”, que continuará ocorrendo sem o Dead to Fall. A banda ainda não tem nada planejado em relação a um último show de despedida.

SOULFLY

“Conquer” em Julho

O Soulfly divulgou o nome, tracklist e data de lançamento do sexto álbum de sua carreira. “Conquer” tem data de lançamento estipulada para o dia 29 de Julho via Roadrunner Records. O line up da banda permanece o mesmo do último registro, o álbum “Dark Ages” de 2005: Max Cavalera (vocal), Mark Rizzo (guitarra), Bobby Burns (baixo) e Joe Nunez (bateria). O novo registro também terá as participações de David Vincent (Morbid Angel) e Dave Peters (Throwdown). Confira abaixo o tracklist de “Conquer”:

“Blood Fire War Hate”
“Unleash”
“Paranoia”
“Warmageddon”
“Enemy Ghost”
“Rough”
“Fall Of The Sycophants”
“Doom”
“Rot”
“Touching The Void”
“Soulfly VI”

GOD FORBID

Novo álbum e DVD

O God Forbid se prepara para o lançamento de seu novo álbum, ainda sem um título definido, que deve sair neste ano pela Century Media Records. O novo CD está sendo gravado no Trax East Studios em New Jersey, terra natal da banda, pelo produtor Eric Rachel (Atreyu, The Dillinger Escape Plan, In This Moment). Porém, precedendo o novo full-length, o God Forbid irá lançar o primeiro DVD de sua carreira, “Beneath The Scars Of Glory And Progression”. O DVD apresentará uma performance ao vivo da banda no Starland Ballroom, em Sayreville, New Jersey, todos os seus cliques e um documentário contando sobre sua história, entrevistas com seus membros e comentários em geral. O registro está previsto para sair dia 10 de Junho, também pela Century Media.



Sailin' On

Escrevo esta coluna ainda com certa raiva nada krishna por ter perdido o show do **108** em São Paulo. Ouvi dizer que foi hare, hare. Bom, parece que os caras não são mais krishna, mas, enfim, vocês entenderam o que eu quis dizer.

Não fui por razões profissionais, o que costuma ser sempre uma desculpa aceitável. Sim, porque cabular show obrigatório tem toda uma série de justificativas plausíveis e outras tantas risíveis.

Eu tinha um chefe que dizia “é no futebol que você descobre o caráter das pessoas”. Pobre coitado. Trapaçava mais que o Dick Vigarista. Não sabia perder. Há quem aprecie essa “característica”, que me recuso a chamar de qualidade.

Eu, cá com meus botões (Brianezi), prefiro achar que é nos shows obrigatórios que se descobre o caráter das pessoas. Primeiro, na escolha do que se considera obrigatório. Depois, no tipo de desculpa que se usa para explicar uma eventual ausência.

Uma instituição chamada **Bad Brains** esteve em São Paulo há pouco tempo. O ingresso custava 100 reais (quase 60 doletas, para quem é do mercado).

Acho caro. Paguei e fui.

O timoneiro do **Bad Brains** é um senhor (mesmo) que atende pelas iniciais HR. Por razões que os habitantes desta e de outras galáxias, agora e anos-luz adiante, não tem complexidade suficiente para entender (mesmo os tribalistas), ele não veio.

Não importa. A História, o DNA, o instinto, o adolescente de bermudona e MVP (Google, amigos, Google) que ainda mora nesta armadura já desgastada e timidamente grisalha me forçaram a ir.

Mandaram com razão. Com razões. A saber: Sailin' On, Pay To Cum, Soulcraft, I Against I, Banned In D.C., etc, etc, etc.

Parênteses: ranzinzas, antes de chiar da minha breve lista de motivos, entendam que hits são hits por uma razão. Não me venham com aquela faixa escondida do EP de 82 que só saiu no Japão e só o fulaninho que morou no subúrbio de Londres conseguiu encontrar num sebo secreto e muito, muito foda. Vão logo colocar pra tocar Die, Die My Darling, do **Misfits** (ou com **Metallica**, como queiram) e parem de resmungar.

Enfim, foi um show pra quem é. Ou, a julgar pela faixa etária, para quem sempre foi.

Vocês que não foram -- ao show ou porque não são (entenderam a complexidade deste raciocínio?) -- escolham aí uma explicação decente.

Aquela minha do **108**, do trampo e tal, funciona bem.

Essas na linha “ah, o HR não veio”, “ah, tava muito caro”, “ah, os moleques que organizaram não tomam banho”, todas essas “ideológicas” são muito fuleiras.

Antes de acabar, um agradecimento e uma para dividir com Deus:

- Matheus, obrigado pela oportunidade de me deixar escrever minhas bobagens.

- Todo mundo aí sabe que Rastafari é uma religião, né? Que prega, aliás, entre outras coisas mais importantes, o “uso espiritual da canabis”.

Não, nada,não. Só pra saber mesmo...

pt saudações



Soulfy
Conquer



Shai Hulud
Misanthropy Pure



Deicide
Till Death Do Us Part



Opeth
Watershed



Terror
The Damned The Shamed

NOTÍCIAS

SEPULTURA Laranja Mecânica



O Sepultura acaba de entrar em estúdio para as gravações de seu novo álbum, que será baseado no romance distópico “Laranja Mecânica”, escrito em 1962 por Anthony Burgess e que, anos depois, foi adaptado ao cinema pelo diretor Stanley Kubrick. As gravações do novo disco estão sendo realizadas no Estúdio Trama em São Paulo e é esperado que o lançamento saia em outubro pela SPV Records.

AGNOSTIC FRONT Brasil na rota

Os fundadores do Hardcore NY estão de volta a América do Sul. Após a turnê ao lado do Hatebreed em 2005, o Agnostic Front voltará a se apresentar à sua legião de fãs sul-americanos em Setembro deste ano de 2008. Equador, Colômbia, Peru, Argentina, Chile e Brasil poderão presenciar essa verdadeira lenda do Hardcore, que influenciou gerações e estilos através de sua música. A banda fará duas apresentações no Brasil: dia 13/09 em Curitiba (a ser confirmado) e dia 14/09 em São Paulo, encerrando a tour.

ANKLA Ikaro Stafford deixa a banda

Devido a desacordos com os restante membros da banda, o vocalista brasileiro Ikaro Stafford deixa o Ankla. O Ankla lançou seu primeiro álbum “Steep Trails”, em 2006 pela Bieler Bros. Records e tem andado em diversas turnês, inclusive no Ozzfest. Ikaro já está desenvolvendo 2 outros projetos. O primeiro com o Pete e Tom (ambos do Ankla) juntamente com o guitarrista do Onceofself, Eddie. Ikaro também entrou oficialmente para a banda Imbrya, banda que conta com o baterista brasileiro Fabricio Ravelli (Hirax). Para o lugar de Ikaro no Ankla foi recrutado Eddie Macias, antigo parceiro da Ramon Ortiz na finada banda portoriquenha Puya.

ARKEA Threat Factory

Arkaea. Este é o nome da nova empreitada de Christian Olde Wolbers (guitarra) e Raymond Herrera (bateria) do Fear Factory e Jon Howard (vocal) do Threat Signal. A banda já terminou a pré-produção de seu debut álbum, ainda sem título, e planejam em breve entrar em estúdio e iniciar o processo de gravação. O álbum deve sair ainda em 2008 pela Koch Records e planos de uma tour em suporte ao álbum estão sendo planejados. No MySpace do Arkaea, você confere um preview dos sons da banda: www.myspace.com/arkaeamusic

BLEEDING THROUGH Gravando com Devin Townsend

Os californianos do Bleeding Through já definiram o nome de seu novo álbum, que deverá ser lançado em Agosto deste ano pela Trustkill Records. “Declarations” será o quinto álbum da banda, que já se encontra em estúdio com o produtor Devin Townsend (Strapping Young Lad, Lamb Of God, Soilwork, Darkest Hour).

HATEBREED DVD a caminho

O Hatebreed firmou um acordo com a gravadora Koch Records. Como parte do acerto, a Koch irá realizar uma série de projetos futuros da banda, como um álbum ao vivo e um álbum de covers. Porém, o primeiro projeto sob a nova parceria será o lançamento do primeiro DVD do Hatebreed. A apresentação principal do registro foi gravada em 29 de Março desse ano em Detroit, EUA com a direção de Kevin Custer. Sem um título definido, o DVD deve sair ainda neste ano de 2008. A banda também postou em sua página do MySpace a faixa “Pollution Of The Soul”, que foi gravada durante as sessões do álbum “Supremacy”.

NOTÍCIAS

STILL REMAINS Nothing remains

O Still Remains anunciou oficialmente, no último dia 25 de Março, o fim de suas atividades. Formada em 2002, a banda de Michigan lançou dois álbuns (“Of Love and Lunacy” de 2005 e “The Serpent” de 2007), ambos pela Roadrunner Records. A banda continuará com a “The Serpent Tour” até o dia 30 de Abril com as bandas Gwen Stacy, Catherine e Secret & Whisper e fará sua última apresentação em 5 de Julho no Cornerstone Festival, em Bushnell, Illinois. No MySpace da banda você pode ler a declaração oficial sobre o fim do Still Remains.

BANE Estréia no Brasil

A HurryUp Records anunciou sua última turnê para o primeiro semestre de 2008: a inédita vinda do Bane a América Latina. Com 14 anos de história, a banda, originária de Boston, possui 4 full-lengths lançados (“Holding This Moment”, “It All Comes Down to This”, “Give Blood” e “The Note”, o último disco da banda, de 2005). O Bane passará por cinco países, fazendo um total de 10 shows, 4 deles no Brasil. A seguir você confere as datas da tour:

13/06 - Cali, Colômbia @ La Mancha
14/06 - Bogota, Colômbia @ Teatro La Mamma
15/06 - Medellin, Colômbia @ Underground
20/06 - Lima, Peru @ The Bottero Bar
21/06 - Santiago, Chile @ Sudamerica HC Fest
22/06 - Buenos Aires, Argentina @ Salon Pueyrredon
26/06 - Santos, Brasil @ TBA
27/06 - Curitiba, Brasil @ Radiola
28/06 - Belo Horizonte, Brasil @ Matriz
29/06 - São Paulo, Brasil @ Inferno
Para maiores informações acessem o site da HurryUp Brasil: <http://www.hurryuphc.com/br>

SCARS ON BROADWAY 50% SOAD

A banda Scars On Broadway, projeto paralelo do guitarrista/vocal Daron Malakian e do baterista John Dolmayan (ambos do System Of A Down) definiu a data de lançamento de seu debut álbum, que deve sair pela Interscope Records em 29 de julho. Na página oficial do grupo no MySpace, você confere a faixa “They Say”, que integra o self-titled álbum. Além da dupla de fundadores, a banda também conta com Franky Perez (guitarra), Dominic Cifarelli (baixo) e Danny Shamoun (teclado/percussão).

Abre aspas...



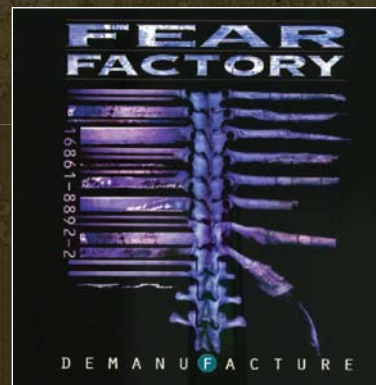
“Nasci e fui criado no catolicismo”

Tom Araya (Slayer)

Old School

É impossível contar a história do Heavy Metal e não citar a importância do Fear Factory no meio disso tudo. Para começar, esta foi uma das bandas, que lá pela metade dos anos 90, trouxeram um sangue novo para o Metal assim como o Sepultura com os álbuns “Chaos A.D.” e “Roots”, Machine Head com “Burn My Eyes” e Pantera, que já vinha mostrando esse poder em “Vulgar Display Of Power” e “Far Beyond Driven”. Outro fator importante é que a banda foi e ainda é uma grande influência para milhares de bandas de Heavy Metal / Metal Industrial entre outros estilos que ainda estavam começando a surgir como o New Metal e os que ainda iriam surgir como o Metalcore. Fundada no ano de 1990, em Los Angeles, pelo vocalista Burton C.Bell, pelo baterista Raymond Herrera, pelo guitarrista Dino Cazares e pelo baixista Andrew Shives, a banda estreou dois anos depois o seu debut album “Soul Of A New Machine” trazendo uma combinação entre o Death Metal e o Industrial, tratando em suas letras a relação Homem Versus Máquina. Mas foi em 1995 que o Fear Factory realmente inovou e se destacou das demais bandas, adotando definitivamente o seu estilo próprio. É nesta

época que Christian Olde Wolbers assume o posto de baixista no lugar de Andrew Shives. “Demanufacture” é, definitivamente, o álbum clássico deste quarteto. Neste segundo disco os caras apostaram ainda mais nos elementos eletrônicos dando mais reforço à atmosfera industrial e cibernética sendo tudo muito bem pensado sem deixar espaços para exageros, porém, o que mais impressiona aqui são o peso, a velocidade e a técnica do baterista Raymond Herrera, o qual eu desconfio até hoje que não é humano, e sim um robô programado demolindo uma bateria, com muito feeling e precisão quase sempre acompanhando os riffs esmagadores das guitarras de 7 cordas de Dino Cazares. A primeira faixa-título já abre o disco para comprovar tudo o que estou dizendo. “Self Bias Resistor”, “Zero Signal” e “Replica” aparecem uma em seguida da outra. Todas Hits. Ou melhor, clássicas! Não só deste álbum mas sim de toda carreira do Fear Factory. A sonoridade robótica não acaba por aqui; “Body Hammer” e “H-K (Hunter-Killer)” são outras grandes músicas de simplesmente se tirar o chapéu. O vocalista Burton C.Bell também teve uma evolução extraordinária. Há quem



FEAR FACTORY
“Demanufacture”
(1995)

goste dos seus vocais guturais mais secos e “gordos” como se apresentava em “Soul Of A New Machine” do que o mais rasgado porém ainda poderoso “feito” neste segundo disco. Mas o que realmente vale ressaltar são os seus vocais melódicos que tem destaque em praticamente todas as músicas do álbum. Definitivamente “Demanufacture” é o disco mais importante não só desses 18 anos de carreira mas também da história do Heavy Metal por ter inovado sem medo e influenciado gerações e estilos incluindo aí milhares e milhares de bandas que já ouvimos por aí.

JOÃO HENRIQUE

SANGUE NOVO

POR IGOR LEMOS



IN FEAR AND FAITH

Apesar da banda ter sido formada na metade de 2006 e ser bastante tímida em relação aos outros conjuntos do mesmo estilo, não significa que são amadores no som que fazem. Desde já, conseguem trazer um certo grau de profissionalismo e a esperança de um futuro promissor. O que mais chamará a atenção será o uso contínuo dos teclados, o que agradará, neste quesito, aos ouvintes da recém-acabada Still Remains, banda que mais lembra o som da IFAF, apesar de não tocarem o mesmo tipo de rótulo sonoro, pois vão muito mais para o Post-Hardcore com o Screamo. Os vocais melódicos irão lembrar bastante



I NEVER HEARD THE BULLET

Como o nome diz, a bala está passando em nossa frente, sem ser ouvida. Porém, este “nunca” é passado. Apresento-lhes uma banda que com certeza merece estar em uma grande gravadora. INHTB é composta por: Kaycee Kay na bateria, que faz um excelente trabalho rítmico; Jesse Swain e Dustyn Fleming nas guitarras, fazendo uma excelente linha melódica, além de backing vocals; Tabor Brady no baixo e, o vocalista e pianista Motaz Hussein. Luzes neste último membro, por favor. Este rapaz possui

DR. ACULA

Não, não é a banda do Conde Drácula, mas sim o grande Doutor Acula. A Dr. Acula é uma das coisas mais estranhas que já escutei em minha vida. Esta estranheza está relacionada diretamente com a capacidade que este conjunto possui de fazer todas as músicas de uma forma ridícula, partindo apenas de gozações, sintetizadores, vocais que por vezes são idênticos aos porquinhos (pig squeals), guitarras com distorções leves em diversas partes e uso de frases jogadas durante as gravações, mencionando conteúdo pornográfico e outras coisas que não é fácil dar sentido. Este é o grande trófeu da Dr. Acula, com tanta gozação, se tornaram originais, desagradando a quase

Underoath e bandas do gênero. Porém, com tantas semelhanças com bandas grandes, por qual razão eles merece algum tipo de crédito? Basta ouvir o EP de estréia deles, “Voyage”, e ver que esses garotos possuem futuro e, com toda certeza, irão lançar um ótimo full-length, distanciando-se cada vez mais das bandas que os influenciaram. Um ponto curioso: o EP foi produzido totalmente pela própria banda, mostrando que visão para o futuro eles possuem, pois a qualidade da gravação está excelente. Recentemente entraram no time da Rise Records. Um novo caminho foi traçado para estes, ainda, garotos. Agora é aguardar que frutos irão colher.

LE PRÉ OÙ JE SUIS MORT

Apesar da Suíça ser conhecida por sua calma e neutralidade, o conjunto vindo deste país nos trás um Screamo completamente excêntrico em relação a outras bandas do estilo. Le Pré Où Je Suis Mort, como o nome diz, trás a morte e a paz juntas, pois como seria estar morto em um local calmo, tranquilo? Será que a morte foi tranquila, procurada? Por trás destes questionamentos, brota em um ninho de criatividade, cinco rapazes com uma sinceridade de arrepiar no que é passado pelas letras, uma reflexão profunda de diversos aspectos. Distorções estranhas, diversos momentos calmos, em

uma excelente melodia em sua voz, trazendo beleza no som da banda e novos aspectos para o estilo tão desgastado. Sim, I Never Heard The Bullet flerta até com o R&B, tendo influências de Justin Timberlake, Prince, Freddy Mercury e Michael Jackson. Eles misturam estes estilos com o Hardcore e o Screamo, resultando em um som incrível. Originalidade, profissionalismo na gravação, som excelente, arte gráfica de bom gosto nas capas dos EP e um futuro promissor. O universo conspira a favor desta bala que, em breve, terá um direção: seus ouvidos. No bom sentido, claro.

todos os fãs de Grindcore, mas dando diversão garantida para quem gosta de bandas que não levam a sério o seu material, mas produzem um álbum, no mínimo, interessante. Os integrantes tocam muito bem, apesar de serem bem fracas as guitarras (acredito que de propósito), porém o baterista Billy e o tecladista Rob se destacam, o último usa muito bem os samplers. O vocalista Bert parece estar possuído, devido à loucura em que faz nos vocais. Este conjunto acabou de ser contratada por uma gravadora, porém, nem lançaram um material por ela. O que marcou, até hoje, foi o reconhecimento da cena independente, com o álbum “S.L.O.B.”. É amar ou odiar profundamente. Prepare-se para um tecnogrindcore insano.



que reina a paz, com guitarras muito bem elaboradas, em dedilhados belíssimos, para novamente entrar em gritos. Este é o ciclo que a banda utiliza. Apesar de terem apenas um EP com 4 músicas, conseguem nos 34 minutos (sim, faixas longas) dar o recado e mostrar a personalidade que o seu som possui, única. A essência é o som pesado, porém, ouvindo de forma mais atenta, você pode viajar para qualquer local, até mesmo o momento da sua morte. Uma banda que merece toda a atenção, pois, em seus 2 anos de existência, conseguiu ser especial. Para entender as letras, tem que estar por dentro da língua francesa, outro ponto diferente.



MEU TOP 5

“BLOOD SUGAR SEX MAGIK” RED HOT CHILI PEPPERS

“Acho que esse foi o primeiro CD que eu comprei. Grana da antiga mesada de moleque, muito bem investida, que por sinal, até hoje é um dos meus favoritos. É um álbum que até hoje ouço amarradasso, música foda uma após a outra, um marco na minha história. Depois disso, até comprei uma camisa do mesmo CD, e saía com orgulho com ela por aí. Todo o entrosamento entre os caras, a musicalidade e o groove, as jams, as merdas que o Frusciante fala (bem louco diga-se de passagem). Podem falar o que for, que a banda é pop, ou qualquer parada dessas, mas esse CD é foda!”

“THE REAL THING” FAITH NO MORE

“Esse CD não precisa de grandes explicações. É meu número um, com certeza! Foi ele que me fez virar fã do Faith No More, fã do Mike Patton e ser um viciado em todos os projetos e bandas que esse cara se mete a fazer. Bungle, Fantômas, Tomahawk, Peeping Tom, entre vários outros já fazem parte dos discos que mais ouço até hoje, e tudo isso teve seu começo com o inesquecível “The Real Thing”. Músicas que marcaram a minha geração e a de vários amigos, e que certamente são trilha sonora de várias zueiras e boas recordações dessa época. “The Real Thing”, “Epic” (tenho que dizer essa mesma?), “Zombie Eaters”, “Underwater Love”, entre outras, até hoje são frequentemente adicionadas no meu mp3. Um trabalho à frente do seu tempo, riffs fodas, vocais sensacionais, a firmeza do Bordin, a criatividade dos caras. É

até hoje minha banda favorita, e esse disco, o que eu mais curto deles. Um clássico!”

“AROUND THE FUR” DEFTONES

“Quando eu ganhei esse CD de uma antiga namorada, eu já era fã do primeiro trampo dos caras, “Adrenaline”. Se não me engano o ano era de 1997, e eu já estava ansioso pra ter o 2º disco, e pode-se dizer que foi um dos melhores presentes que eu já ganhei! Puta disco, mixagem animal, timbragem de guitarras perfeita, e sem contar as músicas “Be Quiet And Drive”, “Lotion”, “Around The Fur”, “Lhabia”, e é claro, “My Own Summer”. Ouvi muito esse disco e quando formei minha primeira banda, Decode, nosso repertório tinha muitas músicas desse álbum, e do “Adrenaline”... Foi um dos sons que me motivou a montar a primeira banda, e que até hoje sou fã. É uma das poucas bandas que tenho todos os CDs oficiais lançados.”

“AENIMA” TOOL

“Será que eu preciso dizer aqui que o Tool é uma das melhores bandas dos últimos anos? Desde a primeira vez que ouvi o som dos caras, percebi o nível artístico que rola no som, nos conceitos, letras, artes, e tudo que estiver ligado a eles. Não fosse o suficiente, sempre cercados de grandes expectativas, os álbuns sempre surpreendem positivamente. Sempre. O último CD (que fiz questão de comprar) é uma obra de arte. Se não é melhor do que o “Aenima” em termos de sonoridade, em termos de arte é um dos mais fodas que eu já vi. Mas

o assunto aqui é o já clássico “Aenima”, segundo disco dos caras. É um disco que sempre que ouço, acabo ouvindo inteiro, e sempre me empolgo em cada riff marcante de “Stink-fist”, aí eu penso “essa é foda!”, aí logo depois vem “Eulogy” e o pensamento se repete... Na verdade o pensamento se repete durante todo o disco, que pra mim, é até hoje, o melhor disco do Tool. Quem ainda não conhece, faça-me o favor!”

“MAKE YOURSELF” INCUBUS

“Ok, essa banda já foi boa de verdade, mas convenhamos, os caras fizeram dois discos fodas! “S.C.I.E.N.C.E.” e “Make Yourself”. Embora eu, em termos de som, curta mais o “S.C.I.E.N.C.E.”, devo dizer que o “Make Yourself” foi mais marcante. Além de no início das minhas bandas eu sempre ter uma música desses caras no set, elas também foram trilha sonora de vários momentos da minha vida. Conheci a banda através de amigos e sempre ouvíamos nas zueiras, nas festas e com a galera. As referências em comum do próprio Faith, Bungle, Primus entre outras, foram a minha porta de entrada pra eu curtir a banda. Infelizmente, de uns tempos pra cá, a parada descaralhou pra um pop mela cueca que eu não curto. Mas que devo admitir que continua sendo um som super bem feito e primoroso na parte técnica.”



Glacio Reynaud
(Cyius)



Uma banda: Iron Maiden (se pudessem duas eu colocaria o Machine Head também)
Um disco: Iron Maiden - Live After Death
Um show: Iron Maiden em São Paulo (Somewhere Back In Time World Tour 2008)
Um ídolo: Rob Flynn (Machine Head)
Um idiota: Tem vários, dar destaque a somente um seria desperdício
Uma decepção: Ver gente matando gente em nome de religião
Uma vitória: Lançar o primeiro CD do INIMA em 2004
Um vício: Sexo
Uma paixão: Minha filha Flora
Um defeito: Sistemático ao extremo
Um arrependimento: Vários
Uma inspiração: Minha filha Flora
Uma saudade: Amigos Maguila e Renato (R.I.P)
Um lugar: Caraguatatuba - SP
Uma musa: Minha namorada Anita
Um programa de TV: Notícias em geral
Um filme: Rocky (todos exceto o 5)
Um livro: Sepultura - Toda a História
Um objetivo: Viver feliz e com simplicidade
Uma frase: Correria é o que vira

LUIS ARTHUR CINIMAI

RAFAEL RIBEIRO (CALM MANNER)



Uma banda: AC/DC
Um disco: All Shall Perish - The Price of Existence
Um show: Unearth no Hangar 2008
Um ídolo: Ayrton Senna
Um idiota: George W. Bush
Uma decepção: No amor
Uma vitória: Terminar a faculdade
Um vício: Tocar
Uma paixão: Mãe
Um defeito: Orgulho
Um arrependimento: Magoar pessoas
Uma inspiração: A vida
Uma saudade: Infância
Um lugar: No palco
Uma musa: Shirley Manson
Um programa de TV: Adult Swin
Um filme: Coração Valente
Um livro: Vale do Vento Gélido 1: A Estilha de Cristal
Um objetivo: Ser bem sucedido
Uma frase: Quando a última árvore tiver caído, quando o último rio tiver secado, quando o último peixe for pescado, vocês vão entender que dinheiro não se come. (Greenpeace)

20 UM

CATARACT

Decade of aggression



Para assinalar os seus 10 anos de existência, a máquina Thrash/Hardcore suíça Cataract, lançou recentemente seu álbum homônimo, quinto da carreira. Para falar do novo álbum e sobre a história do quinteto o HORNSUP conversou com o baterista Ricky Dürst.

Antes de mais nada, parabéns pelo 10º aniversário da banda. Quão difícil é para uma banda de Metal se manter ativa por 10 anos?

Muito obrigado, cara! A pior parte é manter a banda viva quando as coisas começam a correr mal. As modas vão e vêm e nem sempre é fácil se manter fiel a sua música. Acredito que tivemos alguma sorte, pois começamos a fazer esse tipo de som na altura certa, entretanto, por outro lado, isso também pode ser a nossa sentença de morte, pois não nos ajustamos as novas modas que aparecem. Sinceramente eu prefiro que a banda acabe do que colocar melodias felizes ou vocais limpos nas músicas. A nível pessoal, acredito que enquanto você gostar e acreditar naquilo que faz, vai conseguir superar os tempos mais difíceis. Eventualmente, se você não se preocupar com isso é porque não tem mais importância.

Vocês já misturam Metal e Hardcore há muitos anos. Como vê essa moda do Metalcore? Ela tem algum efeito sobre vocês?

Nos sentimos razoavelmente afetados já que somos, de certa forma, absorvidos por essa moda. Nós começamos juntamente com bandas como Heaven Shall Burn, Maroon, Six Reason to Kill etc, e “Metalcore” era como rotulávamos a nós próprios. Nós todos estávamos envolvidos com o Hardcore, mas queríamos atingir um outro patamar a nível musical, por assim dizer. De qualquer maneira, o nosso som, assim como o da maioria das bandas europeias, não tem muito a ver com o que associado ao rótulo Metalcore hoje em dia. Francamente, não nos importamos. Tem sido bom para a banda, já que muita gente nos conheceu por causa desse modismo. Mas por outro lado, se as pessoas limitam seu gosto musical a um rótulo, quero mais é que se fodam! Todo tipo de música acaba por estar envolvido em algum modismo a partir do ponto que ganha mais notoriedade. Começou com o Heavy Metal, passou para o Speed, Thrash, Death Metal, Grindcore, depois para o Black Metal e agora é o Metalcore, juntamente com o Mathcore, True e Pagan Metal ou qualquer outra coisa que queiram chamar.

Vamos falar de “Cataract”, o novo álbum. Quais as novidades?

É difícil dizer. Nossa música tem melhorado muito, as canções tem mais variações internas e em relação as outras. Nos divertimos muito escrevendo as novas músicas e as inovações partiram do nosso novo guitarrista, Tom (Kuzmic). Ele tem excelentes idéias, uma técnica incrível e acredito que esse álbum foi só o começo. Vamos ver o que o futuro nos reserva. Não sei se essas mudanças serão consideradas como “novidades” pelo público.

Vocês tiveram uma diferente abordagem, ou método de trabalho, em relação aos álbuns anteriores?

Não. Normalmente o Greg (Mäder, guitarra), o Tom e eu nos encontramos, trocamos idéias, fazemos umas jams e depois de algumas sessões, já temos a música finalizada. A seguir Fedi e Nico juntam-se a nós para ensaiarmos e possivelmente fazer alguns acertos. E é assim que trabalhamos. O que mudamos nas músicas normalmente diz respeito a torná-la melhor ao vivo, uma boa

abertura, uma boa faixa de encerramento etc, porque quando queremos que uma música vá em determinada direção temos que inserir novos elementos para que isso aconteça.

Seus últimos 3 álbuns foram gravados no Ant Farm Studios com o Tue Madsen. O que pode dizer sobre ele? Pensam em trocar de produtor para os próximos álbuns?

Eu não sei. Enquanto ele quiser trabalhar com a gente provalmente não. Ele faz um excelente trabalho. Sabemos que gosta do som que fazemos. Ele sabe o que buscamos em termos musicais e como concretizar nossas idéias. Ele sabe muito de música e se mantém crítico sobre nós, já que o nome dele também vai no álbum. Gostamos do fato dele não utilizar demasiados efeitos de computador, pelo menos nos nossos discos. Ele prefere deixar algumas partes “menos perfeitas” do que tentar deixar tudo explícito. Isso ajuda para que o som seja mais natural e dinâmico.

A Suíça não é um país com grande tradição no metal. Fale-me sobre a cena Hardcore/Metal da Suíça. Algumas boas bandas, festivais...

O quê! Cara, isso é um insulto! Somos um país pequeno mas temos bandas incríveis como Hellhammer/Celtic Frost, Coroner, Drifter, Apocalypse, Messiah, Samael, Calhoun Conquer, Babylon Sad, e atualmente Requiem, Disparaged, Eluvietie, Atritas, Mumakill, Zatokrev, Excruciation etc...Com certeza, as duas primeiras são mais famosas que as restantes, mas “famoso” é sempre relativo, não acha? Nós também temos ótimos festivais aqui, e como é óbvio, não são exclusivamente para bandas suíças. “Mountains of Death” é um festival de bandas só de Death Metal, heavymetal.ch fest tem na sua maioria bandas de Death/Thrash entre outras, além de bandas grandes como Slayer, Metallica, Iron Maiden, etc.

Descreva as mudanças que acompanhou no cenário musical. Qual diferença de fazer turnês hoje e a 5 anos atrás?

Não houve grandes diferenças nos últimos 5 anos. Já me encontro envolvido com bandas há 20 anos e acho que a maior mudança diz respeito ao posicionamento das bandas no cenário. Minha primeira banda fez 3 shows em aproximadamente 2 anos, não gravamos discos mas sobrava ambição (risos). Acho que o show business em geral se torna cada vez mais impessoal para nós. Já raramente falamos com promotores, já que a nossa booking agency trata de tudo. Mas acho que é só isso, já que os shows continuam iguais: sem camarins, caos próximo e no próprio palco, bateria feita de pedaços de 3 baterias diferentes, retorno sempre baixo...

Como descrevia um show do Cataract?

Intenso! Acho que conseguimos fazer no palco aquilo que fazemos nos discos e não é fácil. Eu nos considero uma banda de palco!

Prefere shows em clubes pequenos ou em festivais?

Claro que os festivais são ótimos porque podemos tocar para um número muito maior de fãs, mas pessoalmente, acho que os melhores shows são nos clubes pequenos.



Cataract
Cataract
Metal Blade

[8]

...se as pessoas limitam seu gosto musical a um rótulo, quero mais é que se fodam!

O som no palco é melhor, há sempre mais pressão o que dá mais vontade de tocar. Além disso, as reações do público são mais intensas e a atmosfera é quase palpável. Embora tenhamos tocado no Greenfield Open Air, no ano passado, que é um festival dominado por bandas mais soft e de Snowboarding Rock e devo dizer que tivemos uma resposta incrível do público. Até transmitiram aquilo na TV Suíça.

Qual a situação mais engraçada que já aconteceu nas turnês?

A situação mais impressionante, não chega a ser engraçada, mas, sem dúvida, foi inesquecível. Foi quando estávamos na turnê como o Nile/ Six Feet Under. Aconteceu logo que saímos de um show. Fomos todos para a traseira do ônibus. Nós estamos mesmo no fundo juntamente com o baterista contrado do Wykked Wytch. Ele estava encostado na porta, quando de repente a porta abre e já estávamos na estrada! Ele perdeu o equilíbrio e começou a cair para fora do ônibus. O nosso ex-baixista, Michael, teve um reflexo incrível e consegui segurá-lo pela jaqueta e puxá-lo para dentro. O mais engraçado é que mais ninguém, além de

nós, deu conta do que havia acontecido. Nem o próprio motorista!

Você tem algum projeto paralelo?

Eu não, mas o Tom toca também no Disparaged. Acho que o Nico (Schläpfer, baixo) tem outras banda mas não sei se é sério. Greg tocava, ou ainda toca, no Vale Tudo.

Me fale um pouco do seu gosto musical.

Que tipo de música costuma ouvir? De todos tipos, de verdade. Ando vidrado em 80's Thrash Metal como Sacrifice, Dark Angel, Sabbath, Atheis e 90's Death Metal como Death, Entombed, Carnage, Immolation e Incantation. Curto também coisas de Crust/ Grind como Carcass antigo, Napalm Death e Doom. Também escuto coisas novas do Hate Eternal, Guttural Secrete, Deadborn, Mastodon, além de Xasthur, Krown e Leviathan, que é matador. Também ouço industrial, do convencional até Electro House como Boys Noize, MSTRKRFT e Justice. Mas escuto normalmente Metal, principalmente em casa.

MATHEUS MOURA

www.myspace.com/cataract

Nem só de relógios, chocolates e contas bancárias numeradas vive a Suíça. Por lá também há Metal (fora o das lâminas dos canivetes) e o Cataract é um dos seus melhores representantes. Aproveitam o ensejo da sua 10ª primavera para lançar seu álbum homônimo, quinto da carreira. Seria muito fácil meter um grande rótulo "Metalcore", citar influências como Hatebreed, "Jastarizar" a coisa toda e *voilà*, resenha feita! Porém, "Cataract" está acima do standard, pois apresenta coesão e personalidade sem se limitar a seguir sub-gêneros ou tendências. Destilam uma mistura explosiva de Thrash Metal e Hardcore, fortemente influenciada por bandas clássicas dos estilos. Esse fator já os coloca em outro patamar em relação as bandas genéricas de Metalcore, pois o álbum não soa como vendido ou oportunista. Como nos tem habituado, a banda mais uma vez se supera e dá sequência a sua evolução natural, que atinge seu ápice. Apostam numa maior velocidade e agressividade como já pode ser comprovado logo a entrada com "The Separation of Life and Time". As melodias das guitarras estão muito bem construídas e representam o que há de mais metálico no som do Cataract. Investem, ora em Thrash dos anos 80, ora em Death dos anos 90, nos trazendo a memória bons momentos de Sepultura, Testament e, principalmente de Slayer (os riffs de "Blackest Hour" dizem tudo!). Federico Carminitana é o responsável pela dose de Hardcore expressa por sua voz furiosa, que mesmo não sendo das mais originais, dá conta do recado, com sobras. O respeito pelas raízes e o carisma com que apresentam seu som, faz do Cataract uma das propostas mais interessantes e honestas dentro de uma cena atolada até o pescoço de copy cats. Neckbreaking music.

MATHEUS MOURA



DELLAMORTE DELLAMORE
(SPAIN) WWW.MYSPACE.COM/DELLAMORTEDELLAMOREHC

DAY OF THE DEAD ★ HO-CHI-MINH
WWW.MYSPACE.COM/DOTD WWW.MYSPACE.COM/HOCHIMINH

HILLS HAVE EYES ★ WE ARE THE DAMNED
WWW.MYSPACE.COM/HILLSHAVEEYESMUSIC WWW.MYSPACE.COM/WEARETHEDAMNED

SATAN'S REVOLVER ★ RAISED BY WOLVES
WWW.MYSPACE.COM/SATAN'SREVOLVER WWW.MYSPACE.COM/RBWOLVES

MYSPACE.COM/PUNKTAILORLIVE

LOCAL: TUATARA, ALVALADE, LX. ABERTURA: 15H00, INICIO: 16H00
BILHETES: 10€ VENDA ANTICIPADA E RESERVAS, 11€ NO DIA/LOCAL, A PARTIR DAS 14H00

O TEU BILHETE VALE 50% DESC. NA COMPRA DE MERCH
DA PKT CLOTHING, NO LOCAL OU EM WWW.PUNKTAILOR.COM

+ OFERTA DE 1 CERVEJA

VENDA ON-LINE:
WWW.PUNKTAILOR.COM

DISCOTECAS CARBONO:
LISBOA ★ AMADORA

RESERVAS VIA EMAIL:
RESERVA_BILHETES@PUNKTAILOR.COM

CARBONO

Return to Life

HARD SOUND TV

LOUD!

punkmusic
AGÊNCIA DE MARKETING NACIONAL

Rock & Roll

Rock & Roll

O adeus

A HORNSUP conseguiu arrancar apenas poucas palavras do baterista da mítica banda suéca de Grindcore, **Nasum**. Anders Jakobson dá um ponto final na carreira da banda que encerrou suas atividades após o falecimento do seu vocalista/guitarrista Mieszko Talarczyk, que foi vítima da tsunami de 2004 na Ásia. “Doombringer” é o fim.

Infelizmente, o vocalista original Mieszko morreu há alguns anos atrás. Isso é terrível, mas há como o Nasum voltar a tocar e lançar álbuns novamente com um novo vocalista? Não.

O Nasum foi uma das bandas mais importantes de Grindcore com letras políticas já criadas. Por que a banda escolheu esse caminho?

Foram as bandas de Grindcore com conteúdo político que nos inspiraram quando formamos o Nasum em 1992. Então, não houve outras opções, realmente.

Como você se sente sabendo que a música do Nasum é uma inspiração para novas bandas, tais como Gadget e Splitter?

Bom, obviamente cada banda provavelmente têm um desejo de dar uma contribuição à cena e acaba por tornar-se uma fonte de inspiração de outras bandas, de forma que isso faz eu me sentir muito bem. Eu quero dizer que nós colhemos muita inspiração de outras bandas, portanto é bastante agradável dar algo de volta às novas bandas.

O novo álbum é um exemplo de massacre tocado ao vivo. Quando e onde foi gravado? Há um significado especial nesse show?

Foi gravado em Osaka, Japão, em 2004. Apesar de todos os nossos seis shows no Japão terem sido grandes, este foi o escolhido porque foi a melhor gravação de um show que fizemos durante todos os nossos anos de existência.

Você está satisfeito com o resultado final de tudo que envolveu esse álbum? Sim, estou.

Sobre os CD's: “Inhale/Exhale”, “Shift”, “Human 2.0” ou “Helvete”, qual deles é o mais expressivo de todos?

Todos eles têm valores diferentes para mim e para o desenvolvimento do Nasum, mas penso que “Helvete” é o meu favorito. De certa forma, realmente encontramos o caminho nesse álbum.

Fale-me sobre suas influências para compor música na época do Nasum.

Pois bem, elas começaram com Napalm Death, Carcass, Terrorizer, Repulsion e um monte de outras pessoas e bandas. Depois, pegamos bastante influências de tudo que nós gostávamos.

Qual a sua opinião sobre a atual cena Grindcore ao redor do mundo?

Eu realmente não estou plenamente consciente do que está acontecendo no mundo fora da Suécia quando se trata de Grindcore. Ainda, se há uma cena, estou feliz!

Como é trabalhar com o selo Relapse Records?

Sempre foi muito bom!

Quando e onde foi o show mais memorável de toda a sua carreira?

Fizemos muitos shows memoráveis, mas os dois shows no grande festival suéco em Hultsfred foram especiais, especialmente o último, em 2003. Foi provavelmente o maior show que fizemos na Suécia. O vídeo do show completo circula por aí na Internet. Vale a pena conferir, sinceramente!

Como estão indo as coisas com o Coldworker? (banda atual de Anders)

Estão bem. Estou aguardando ansiosamente o lançamento do nosso segundo álbum em Maio desse ano. JULIO SCHWAN



Após mais de uma década de carreira recheada de álbuns que são considerados como pérolas do Grindcore, o Nasum, infelizmente, encerra oficialmente suas atividades. E a causa não é de hoje. O vocalista Mieszko Talarczyk faleceu vítima dos tsunamis que assolaram a Ásia no final de 2004. Seu corpo foi encontrado apenas em 2005 e, depois disso, o restante da banda ficou em silêncio por muito tempo. Hoje, eles “retornam” com “Doombringer,” álbum que foi gravado ao vivo em 2004, em Osaka, no Japão, com uma performance muito insana. Segundo o baterista Anders Jakobson, dentro de uma série de shows, esse foi o melhor. E não é apenas merchandising. Ele diz isso porque o álbum é um verdadeiro massacre de execução ao vivo. Trazendo 23 minutos socados em 16 músicas, conferimos praticamente faixas de todos os trabalhos da banda. Do primeiro full lenght “Inhale/Exhale” até, o que predomina no número de músicas, o grandioso “Helvete”. Uma pena, contudo, que o vocal de Mieszko soa um tanto quando diferente. É bem difícil alcançar a performance de uma gravação em estúdio num show ao vivo, fato que poderia ter sido melhorado. Já o instrumental é fiel às gravações e, em alguns momentos, até mais agressivo. Se você é fã do Nasum e de Grindcore ou música extrema em geral, deve conferir esse CD. Só na intro, já dá para ficar empolgado com a atitude curta e grossa de Mieszko: “Hello, We’re Nasum from Sweden... Groooooaaahhh!!!!”. Uma pena ser o último. JULIO SCHWAN

WE ARE THE DAMNED

O Diabo é o Pai do Rock



Para o Refused é “The Shape of Punk Tom Come”, já para o U.D.R. é “O Shape do Punk do Cão”, agora para o **We Are The Damned** é “The Shape of Hell to Come”. Esse foi o nome dado ao álbum de estreia dessa banda lusitana, que conta com diversas figurinhas carimbadas do underground local. A HORNSUP conversou com Ricardo Correia, guitarrista e um dos mentores do projeto.

“The Shape of Hell to Come” apresenta uma vasta gama de estilos, desde Death Metal passando pelo Southern Rock. De onde surgiu a idéia de juntar essas influências e formar o **We Are The Damned**?

Penso que as influências apareceram de forma espontânea, sem ter-mos seguido nenhum padrão em especial, penso que o Death Metal é o mais evidente, se bem que tenho visões diferentes das actuais do que é Death Metal, daí a algumas pessoas poder soar a outra coisa, mas no fundo a música é isso mesmo, é para ser interpretada à maneira de cada um.

O WATD tem um conceito bem diferente que qualquer banda anterior com as quais estiveram envolvidos. Como aconteceu a criação desse conceito?

Nasceu da minha cabeça e da cabeça do Paulo (Lafaia - baterista). Queríamos fazer algo em que não tinha-mos de nos comprometer demasiado, e daí, como já referi na resposta anterior, foi tudo bastante espontâneo, sem pensar demasiado, penso que essa foi a fórmula.

Algun dos elementos ainda tem envolvimento com outros projetos?

Sim. Apenas o Paulo acumula funções nos Painstruck.

Soubes que tiveram um tempo reduzido para preparar o álbum. Como essa “pressão” influenciou no resultado final?

Influenciou de forma bastante positiva, já que acabamos por sair “vencedores” do desafio que tinha-mos pela frente. Tínhamos um “timing”, quer com o produtor, quer com a Ragingplanet, bastante apertado, de maneira que tentamos fazer tudo depressa e bem, e acabou por sair bem!

Sendo esse o primeiro álbum, acredito já observou coisas que faria de forma diferente, se pudesse voltar atrás. O que mudaria em “The Shape of Hell to Come”?

Sinceramente não mudava absolutamente nada, já que espelha bem as dificuldades, a força e a dedicação que pusemos no álbum. Foi uma espécie de prova a nós mesmos como músicos e até onde poderíamos ir, e só por esse facto, não mudava nada. Não é perfeito mas tem muito “feeling”.

Como foi trabalhar com o Palle Schultz? Porquê o escolheram?

O Palle é um visionário, não conhecia as bandas que gostamos, mas foi isso que nos fez apostar nele, desviado a sua abertura e interesse pelos We Are The Damned. Gostamos da abordagem e maneira de ver dele em relação a nós, não só como banda, mas como seres humanos.

Vejo que tem vários concertos marcados. Como está sendo a recepção do público?

Bastante positiva, conseguimos num curto espaço de tempo por a banda a rodar, a tocar ao vivo, e penso que já há muitas pessoas que conhecem a banda.

Nota alguma diferença por parte do público, por terem uma frontwoman?

Notamos apenas porque não é muito comum, especialmente no nosso país, ver uma rapariga a cantar neste tipo de bandas.

A Sofia, até onde eu sei, vive no Porto e o restante de vocês, em Lisboa. Não tem tido dificuldades por conta da distância?

Não, antes pelo contrário, as coisas funcionam bem melhor de quando tive bandas em que morávamos todos perto um dos outros (risos).

O que o futuro reserva ao **We Are The Damned**?

Agora, a seguir ao Verão, vamos começar a preparar o álbum novo, se bem, que vamos adoptar a mesma “táctica” do anterior, não vamos pensar muito...

www.myspace.com/wearethedamned



[8]
We Are The Damned
The Shape Of Hell To Come
Raging Planet

Da junção de membros de diversas bandas do underground português como TwentyInchBurial, Painstruck e From Now On, surgiu o We Are The Damned. O álbum de estreia “The Shape Of Hell To Come”, carrega uma mistura infernal de Hardcore com Southern Rock, com nuances de Slayer e alguma ambientação Doom de Black Sabbath das antigas. Conseguem controlar toda essa miscelânea de estilos de forma convincente, deixando o som com bastante dinamismo, agressividade e um ar “Old School” bem interessante. Boa parte da brutalidade do WATD reside na garganta de Sofia Loureiro (From Now On). Uma front woman potente, incansável, com berros capazes de fazer corar muito marmão por aí. Ricardo Correia apresenta riffs mais roqueiros e recheados de groove, do que nos havia acostumado no extinto TwentyInchBurial, entrosando bem suas referências de Rock, Hardcore e Death Metal. A faixa de abertura, “Hell is My Witness”, dá início ao clima diabólico que irá permear o restante do registro. Com um empurrãozinho do produtor dinamarquês Palle Schultz, que tratou da mixagem a masterização, “The Shape Of Hell To Come” se mostra coeso, explosivo e variado. Destaques para “Miskatonic”, The Nihilist” e “Release The Wolves”. Esse é o inferno do We Are the Damned. *Marcos Mota*



Prontos para explodir

Com nome de uma suicida e espírito de um guerreiro, os curitibanos do Ayat Akrass apresentam “Como Uma Tela Pintada Com O Nosso Sangue”, seu mais recente álbum. Nilo Netto, vocalista, conversou com a HORNSUP e nos deu maiores detalhes sobre o álbum, assim com tudo que envolve o universo dessa banda de nome complicado.

Como surgiu e qual a temática do Ayat Akrass? Qual é a origem desse nome? Quais são os componentes e seus respectivos instrumentos?

Ayat Akrass surge em Curitiba, das cinzas do Voices na perspectiva de caminhar para o lado extremo daquela sonoridade que fazíamos. O nome é originário de um relato retirado da revista Caros Amigos, um importante instrumento midiático da esquerda no Brasil, no qual o repórter Fernando Evangelista, relatando os conflitos na Palestina, descreve: “Estamos na praça central, no oeste de Jerusalém, são 14 horas e ouvimos um forte estrondo. É Ayat Akrass, a menina camicase, que se explode dentro do supermercado”. É na intenção de denunciar questões políticas gritantes como essas, que optamos por nomear a banda dessa forma. Existimos desde 2003. Tivemos diversas formações e hoje contamos com: Nilo Netto (vocal); André Cirino (bateria); Braulio Delai (guitarra); e Alexandre Black (baixo).

Quais são as influências mais marcantes na sonoridade e na mensagem do grupo? Costumamos dizer que na sonoridade somos inspirados em Slayer e Facção Central. Na mensagem: Karl Marx e os escritos que derivam de sua obra.

Gostaria que falasse um pouco da trajetória que a banda percorreu até o presente momento. Quais foram os principais obstáculos e quais foram as principais conquistas dessa jornada? Nesses aproximadamente cinco anos de existência, enfrentamos as dificuldades convencionais de qualquer banda underground. O fato de a banda perdurar um tempo como esses, significa algo de avanço. Significa que existir nessas condições é, definitivamente, resistir. Nossas mudanças na formação foram entraves em alguns momentos, mas sempre nos mantivemos ativos. Uma atividade que certamente é dividida entre os trabalhos, os estudos e outras condições que nos são prioridades, pois

produzem nossa vida imediata. Nesse decorrer, conquistamos respeitosos amigos e amigas. Recebemos muita solidariedade em relação à nossa música também. Conseguimos gravar um disco recentemente, o que, sem muita sombra de dúvidas, é uma dificuldade nada latente entre as bandas desse circuito. E temos, principalmente nos últimos períodos, conseguido visitar algumas cidades para divulgá-lo, o que tem sido por demais interessante.

Conte-nos como se deu o processo de composição e gravação de “Como Uma Tela Pintada Com O Nosso Sangue”.

O processo de composição com o projeto do disco ao fundo, deu-se a partir de alguns contatos prévios com os selos que nos apoiariam nessa empreitada. Possuíamos algumas bases novas, além de três músicas de nosso EP (“Between Bodies And Ashes”), que queríamos re-gravar com melhor qualidade e algumas alterações (para que estas fizessem parte de nosso

disco full). O trabalho foi aquele conhecido: horas de estúdio. Encerrando esse momento, fizemos no Estúdio Passagem de Som, aqui em Curitiba, uma pré-gravação para acertar os encaixes das letras, os tempos, os riffs e outros detalhes. Esse processo se fez muito importante, pois conseguimos uma captação, mesmo que “ao vivo” e em pistas diferentes, que trouxe muita qualidade ao som. Quando chegamos em São Paulo, no Estúdio DaTribo, levamos em conta essa experiência anterior da pré-gravação, o que nos auxiliou muito nos detalhes. Chegamos a esse estúdio por conta do produtor William Fernandes, que toca no Subterra e lá trabalha. Passaram algumas desgraças sonoras por esse estúdio, e a equipe composta por Ciero e Trek Magalhães deu um tom muito interessante no trampo.

Como tem sido a repercussão desse novo disco, tanto no que diz respeito à imprensa quanto à resposta do público?

Eu não considero muito simples de aferir essa questão. Mas estamos demasiadamente contentes com aquilo que tem sido falado sobre o disco. São conhecidas por nós algumas resenhas que têm elogiado toda a produção, ora apegando-se a um ponto específico, ora a outro, mas todas procuram dar uma visão do disco, que até então tem sido positiva. Com relação ao público, e aqui reside a maior dificuldade de verificação da aceitação, temos contado igualmente com boas palavras. Em nossas apresentações, ou logo depois delas, nos meios de Internet e outros espaços, vamos nos deparando com apoiadores e apoiadoras do nosso trabalho. Na própria presença das pessoas nos eventos que participamos, penso, devemos considerar uma sinalização de que estas mesmas têm se interessado pela nossa música. Em contrapartida, não temos sofrido depreciações, mas isso não quer dizer que não existam. Imagino que apenas não as tenhamos ouvido. Estamos abertos de qualquer forma, como sempre, ao debate.

Poderia nos contar um pouco sobre os shows desse disco de estreia do Ayat Akrass? Quais foram os mais importantes? A banda já passou por situações desrespeitosas?

Com alguma dificuldade temos tocado fora de Curitiba para divulgar esse disco. Num país de dimensões continentais como o Brasil, com transporte sempre caro (não importando sua natureza), fica muito difícil conseguir visitar todas as cidades, ou ao menos aquelas onde conhecemos minimamente um circuito underground. Uma banda iniciante, ainda desconhecida, sofre mais barreiras no momento de fechar as datas, mas isso tem sido quebrado pela amizade solidária de muitas pessoas por onde temos passado. Estivemos recentemente em algumas cidades do Rio Grande do Sul e há muito pouco tempo fazendo duas cidades no Rio de Janeiro e uma em São Paulo. Nesses dois momentos tivemos experiências muito interessantes, tocando com uma formação mais precisa, sendo recepcionados com muita hospitalidade. Aqui na cidade, temos tocado e por vezes organizado eventos que têm sido cada vez melhores. É difícil destacar os mais importantes, pois corremos o risco de cometer injustiças. Mas alguns momentos marcantes, sem a pretensão de hierarquizá-los, foram: Festival Manifest Of Hate em Curitiba, Terceiro Mundo Chaos Fest, onde tocamos com os camaradas do Paura aqui em Curitiba, além dos shows fora: no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São

Paulo. E para o momento não consigo recordar de nenhuma situação desrespeitosa.

Como foi a experiência de gravar o videoclipe da música “Descaminho”?

Muito boa. A direção do Rafael Gasparim foi fundamental nesse trampo. Ele conseguiu equipamento de luz, equipamento de vídeo, equipe técnica e diretor de fotografia, todos trabalhando duro e por camaradagem pura. Ou seja, sem receber. Tínhamos a vontade de ter um registro em imagem de boa qualidade da nossa música, então optamos com o diretor em fazer as imagens simulando uma apresentação ao vivo e conseguimos uma boa captação. Rafael sincronizou e editou em tempo de inserirmos o vídeo em nosso disco, o que nos contentou muito. Temos um acesso mais ampliado do clipe pelo Youtube e pelo disco, mas o mesmo já foi selecionado para o IV PUTZ, Festival Universitário de Cinema e Vídeo de Curitiba, na categoria videoclipe, onde aterrorizou alguns olhares menos preparados. (risos)

Por quais meios a banda promove a sua divulgação?

Enviamos alguns discos para revistas, zines e sites, indistintamente, porém somente aqueles que conhecíamos. No mais, divulgamos a banda através da Internet. As ferramentas virtuais são todas excelentes e com um amplo alcance. E o pouco tempo livre que temos, quando possível, buscamos divulgação da banda nesses meios. Não deixamos tampouco, de divulgar os eventos que participamos e organizamos de forma mais física, pois dessa forma podemos difundir a quem não tem acesso a esses meios virtuais.

Conte-nos sobre a proposta inovadora do grupo em lançar um álbum através de cinco selos diferentes. Quais as consequências disso para a distribuição do material da banda?

Na verdade essa forma de lançar não seria propriamente uma nova proposta, ou algo de inovador. São sim, as condições materiais que estão dadas atualmente. Existem pouquíssimos selos com possibilidades financeiras de arcar com um lançamento de forma autônoma e se considerarmos o aporte a uma banda desconhecida, essa possibilidade se reduz drasticamente. O que houve é que inspirados na possibilidade exposta pelo lançamento do disco dos camaradas do Confronto, o “Causa Mortis”, onde alguns selos dividem o trabalho e especialmente pilhados por eles, buscamos contatos com selos diversos, propondo tal parceria. Um ponto central nessa parceria seria realmente a localização bem diversa entre os mesmos e banda, o que supostamente facilitaria a distribuição no Brasil, assim como engajaria possíveis apresentações nas cidades-sede dos selos. E assim fizemos. No entanto a distribuição e mesmo as apresentações estão ainda difusas, e existem dificuldades em organizar coletivamente esse trabalho com a banda e selos, o que acaba deixando cada uma das partes trabalhando por si. Dessa forma, não conseguimos ter em mente a dimensão que a distribuição tomou, exceto por aquela que está em nossas mãos.

Encerrando nossa entrevista, gostaria de fazer mais uma pergunta: há algum projeto futuro em vista? Em caso positivo, poderia nos adiantar alguns detalhes?

O futuro próximo deve nos reservar, nos feridos nacionais, boas possibilidades de sair de Curitiba e enfiar os pés na estrada. E quem tiver possibilidade de organizar algo em sua cidade,

que entre em contato conosco. Devemos parar um pouco mais para frente para compor novas músicas. Também estivemos recentemente com Davi Baeta, produtor dos dois últimos discos do Confronto (um ainda não lançado), visitando os estúdios em que ele trabalha no Rio de Janeiro e ficamos bastante empolgados com as possibilidades sonoras oferecidas por ele. Mas ainda não há nada muito formulado em nossas cabeças a esse respeito. Para o momento e próximos períodos, a palavra de ordem é tocar aqui e longe daqui. PAULO VÍTOR



[10]
Ayat Akrass

Como Uma Tela Pintada Com O Nosso Sangue
Deathtime/Estopim...

Para todos os que pensam que o cenário do metal nacional de qualidade se restringe ao Sudeste, principalmente a São Paulo, os curitibanos do Ayat Akrass chegam para convencê-los de que estão enganados. Fazem isso em matadores 38 minutos do belíssimo “Como Uma Tela Pintada Com O Nosso Sangue”. Desde a concepção artística do material (capa, encarte e contracapa) ao acabamento das músicas, percebe-se que houve uma preocupação muito nítida em fazer deste disco uma legítima obra de arte. A temática que engloba os ideários da banda só vem confirmar o fato de que não se trata aqui de um grupo qualquer. O Ayat Akrass cita explicitamente que além de nomes consagrados como Napalm Death, Sepultura e Biohazard, faz parte do conjunto de suas influências o legado do inigualável teórico alemão Karl Marx! Devido à postura politicamente engajada da banda, esta assume um patamar quase vanguardista. Já quando acrescentado o seu instrumental nessa análise, nos vemos então diante da iminência de uma revolução do metal moderno. A maturidade sonora atingida pelo quinteto é invejável e surpreendente, pois são apenas quatro os anos de existência. Após a demo “Quando o preço da glória é pago com sangue” (2003) e o EP “Entre Corpos e Cinzas” (2005), o AA exhibe agora um trabalho encorpado, denso e impactante, que é de deixar o mais exigente dos ouvintes boquiaberto. Todas as músicas são executadas com uma destreza técnica excepcional. A dupla Edgard Navarro e Marcelo Bacellar esbanja dinamismo e criatividade, Braulio Delai intensifica o peso da música com uma pegada precisa, Andre Cirino dita o andamento das faixas com tanta virtuosidade que chega a roubar a atenção do ouvinte (no ótimo sentido), e Nilo Netto fecha o quinteto mostrando sua vigorosa linearidade vocal (para o nosso deleite). Ainda que seja um álbum todo bom, os destaques vão para “Descaminho”, “Entre Corpos e Cinzas: Segundo Ato” e “Agosto Vermelho”. Gravado num dos melhores estúdios do país (DaTribo), “Como Uma Tela Pintada Com O Nosso Sangue” se encaminha para se consolidar como um dos discos mais importantes do metal nacional. Vale (literalmente) cada centavo. O feliz comprador ainda leva de brinde o vídeo de “Descaminho”. PAULO VÍTOR

Max, Daniel e Shelka da banda paulistana Envydust, coversaram com a HORNSUP afim de explicar melhor os mistérios que envolvem “UM”, o seu segundo álbum. Falam sobre o conceito do álbum, religião e mentirinhas de 1º de Abril.

Quais as principais diferenças entre “Quando Estar Vivo Não Basta” e “UM”?

Shelka: A principal diferença é que nesse álbum, conseguimos direcionar melhor nossa criatividade. Antes a gente fazia as músicas por acaso, sem conseguir moldá-las pra o que a gente queria. E no “UM” já conseguimos fazer isso com mais facilidade. Deixar as músicas crescerem sozinhas um pouco, pra depois ajustá-las pra onde queríamos chegar com elas. Mas não totalmente. Para o próximo trabalho conseguiremos manipular nossas idéias mais ainda e assim vai.

Max: A gente costuma dizer que, nesse novo disco, pegamos os limites do “pesado” e do “leve” estabelecidos no primeiro disco e estamos pros dois lados. Tem aqui coisas ainda mais violentas que o primeiro, e também passagens mais leves e calmas. Sem contar todo o lance do “UM” ser um álbum conceitual.

De onde surgiu a idéia de fazer um álbum conceitual?

Shelka: Foi, continuando o assunto anterior, por acaso. Uma idéia levou à outra e quando vimos, tínhamos concebido uma parada conceitual. Nunca foi nossa intenção num primeiro momento. Mas nos vimos, no meio do caminho, com esse esqueleto, com essa proposta, e decidimos levá-la até o fim. O que deu um puta trabalho, considerando que esse é apenas o nosso segundo álbum.

Max: É, no que concerne o instrumental realmente foi assim, acontecendo, se moldando durante o processo. Agora é claro que as letras e as histórias foram já concebidas tendo em mente esse formato.

“UM” conta 3 histórias distintas. Fale um pouco sobre elas, de onde surgiram e como se dividem no álbum.

Max: Realmente são três histórias, com quatro músicas cada. A gente ainda não sabe ao certo o que falar delas, o lançamento do disco ainda está muito recente, então estamos tentando deixar tudo ainda meio solto, meio no ar, pra ver as conclusões que as pessoas estão chegando sozinhas. Ficamos sempre felizes de ver as pesquisas que as pessoas estão fazendo, e as teorias que cada um cria sobre as letras e as histórias. Tudo isso é muito gratificante. Por enquanto estamos deixando essas teorias ganharem corpo e, mais pra frente, poderemos falar mais sobre.

Existe alguma ligação entre as histórias?

Daniel: Sim, todas elas estão no mesmo CD.

Shelka: Existe um conceito comum por trás de todas elas. Mas isso é trabalho pro público enxergar, até porque, não existe uma única versão absoluta. É tipo “Lost”! Se os roteiristas e criadores revelarem o que eles têm em mente, perde a graça e o público pára de pensar. E o nosso público tem chegado em lugares muito bons, que nem nós tínhamos imaginado previamente ou na hora da criação. Muito bacana ver isso!

Max: Eu sempre digo que a minha verdade é apenas mais uma verdade. Ser o autor das

letras não me dá a autoridade de bater o pé e dizer: “isso que você achou está errado, o certo é isso aqui que eu imaginei”. Até porque, como qualquer ser humano, você também deve fazer e dizer coisas que só vai compreender direito com o passar do tempo, e essa é provavelmente uma das coisas ditas interessantes da vida.

Pretendem adotar esse sistema de álbuns temáticos regularmente?

Shelka: Quando tocamos nesse assunto, é unânime a vontade de não mergulhar em trabalhos assim novamente, são muito complexos em diversos aspectos, exige tempo e dedicação demais. Mas atualmente me pergunto se não acharíamos sem graça fazer um álbum “comum” a partir de agora. Não necessariamente seguindo a linha do “UM”, mas um trabalho temático, onde cada canção tem sua devida importância, esse tipo de coisa, acho que ainda vamos cogitar seriamente.

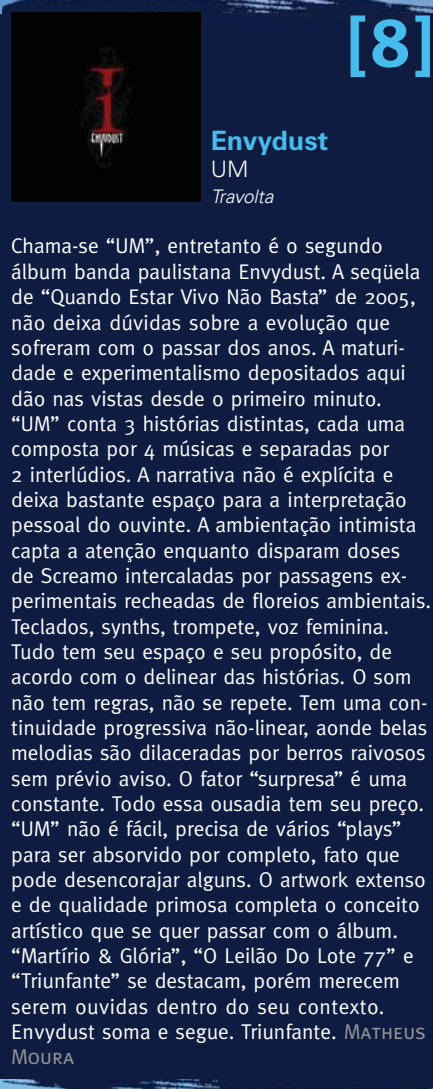
Tiveram alguma dificuldade em conceber e produzir o álbum?

Max: Foi um trabalho extenso e complexo. Acho que isso define. Extenso até de duração mesmo. Que álbum hoje em dia tem 1 hora de duração? E como tava tudo imerso nesse mundo das histórias, cada elemento precisava fazer sentido. Foi um trabalho bem desafiador pra banda e pros produtores, Pedro Antunes e Lineu Andrade. Eram travadas discussões filosóficas incríveis sobre qual barulhinho encaixaria melhor em determinado momento. Nada entrou ali gratuitamente, nada foi por acaso. Lembro que eu e o Pedro gastamos infundáveis horas só pra definir qual seria o tom apropriado pro beep do monitor cardíaco, e depois mais várias horas criando o padrão dele. Mesmo sabendo que ninguém iria dar a mínima pra isso.

A estética do álbum está excepcional. Quem foi o responsável? Qual a importância da arte gráfica no contexto de “UM”?

Daniel: Opa, obrigado! O responsável pela arte é um conhecido que atende pelo nome, Al Nefud. E é só isso que eu posso falar devido a escolha dele pelo anonimato. Mas a arte gráfica nesse CD é realmente bem importante, porque elas encaixam com as músicas e ilustram as histórias conforme elas vão indo. Embora surreais e meio abstratas, elas dão algumas deixas sobre o que acontece, mas assim como as letras, isso exige um pouco de análise (risos). O intuito desse CD era realmente criar experiência completa. Não só ouvir, mas ouvir acompanhando no encarte as letras e as artes.

Max: Sempre falamos sobre a diferença entre um álbum e um CD. O CD é apenas aquela bolacha com as músicas, enquanto o álbum é a união das músicas com o encarte, com a capa. É a música e a arte gráfica unidas, contando uma coisa só. Então hoje, num momento onde a Internet tem um papel fundamental de divulgação e tudo mais, ainda acreditamos que uma pessoa que compra o disco (pelo menos o nosso, em razão do nosso esforço nesse sentido) consegue ter uma experiência mais completa do que a pessoa que apenas baixa

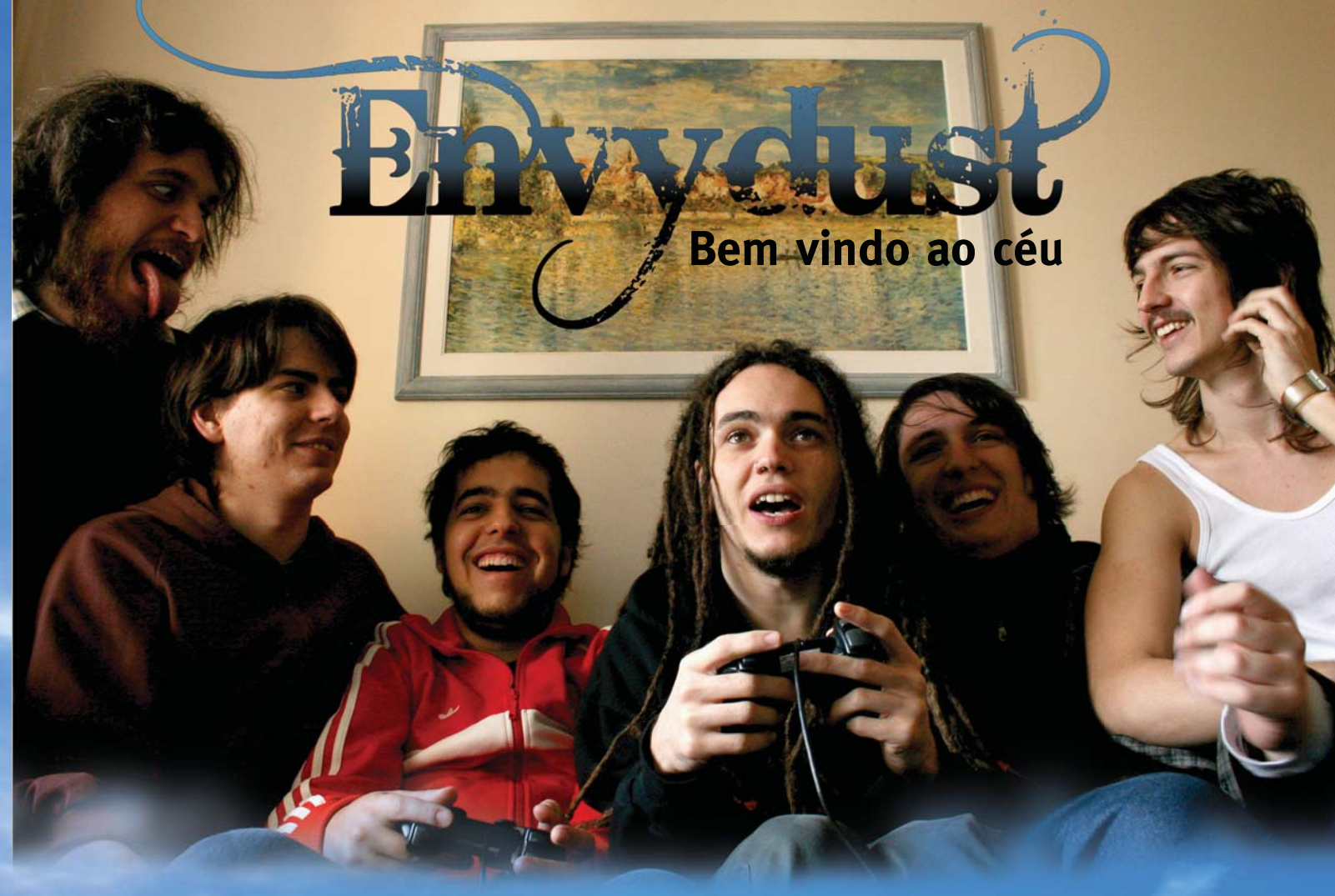


[8] Chama-se “UM”, entretanto é o segundo álbum banda paulistana Envydust. A seqüela de “Quando Estar Vivo Não Basta” de 2005, não deixa dúvidas sobre a evolução que sofreram com o passar dos anos. A maturidade e experimentalismo depositados aqui dão nas vistas desde o primeiro minuto. “UM” conta 3 histórias distintas, cada uma composta por 4 músicas e separadas por 2 interlúdios. A narrativa não é explícita e deixa bastante espaço para a interpretação pessoal do ouvinte. A ambientação intimista capta a atenção enquanto disparam doses de Screamo intercaladas por passagens experimentais recheadas de floreios ambientais. Teclados, synths, trompete, voz feminina. Tudo tem seu espaço e seu propósito, de acordo com o delinear das histórias. O som não tem regras, não se repete. Tem uma continuidade progressiva não-linear, aonde belas melodias são dilaceradas por berros raivosos sem prévio aviso. O fator “surpresa” é uma constante. Todo essa ousadia tem seu preço. “UM” não é fácil, precisa de vários “plays” para ser absorvido por completo, fato que pode desencorajar alguns. O artwork extenso e de qualidade primosa completa o conceito artístico que se quer passar com o álbum. “Martírio & Glória”, “O Leilão Do Lote 77” e “Triunfante” se destacam, porém merecem serem ouvidas dentro do seu contexto. Envydust soma e segue. Triunfante. **MATHEUS MOURA**

as músicas. A arte dialoga com as letras, a arte fala sobre as músicas sem ser redundante. Isso é resultado de um trabalho dedicado e minucioso de um artista talentoso, que embarcou com a gente nessa viagem pelas histórias.

As letras apresentam uma forte vertente criativa e acentuada inclinação poética. Busca inspiração em alguma obra literária/filme ou vem tudo da própria imaginação?

Max: Acho que as coisas boas já feitas na história vão ecoando por aí pra sempre, e ninguém está livre de ser uma das fontes repetidoras. Mas no caso dessas letras e histórias do disco, não foi nada feito “baseado em” ou “adaptado a partir de”, com excessão da segunda história que tem um contexto histórico. De modo geral, as histórias foram frutos de longas discussões que eu e Daniel tivemos. Fomos discutindo os personagens, os rumos da história, os temas. Para a segunda história fizemos pesquisas extensas, e separamos pontos que gostaríamos de tratar. Mas nada nunca foi realmente escrito, eram conversas informais,



nós dávamos sempre importância aos rumos e características. Depois eu me incumbi de transformar aquelas idéias de histórias em algo mais concreto, em letras efetivamente.

Certas faixas falam sobre Deus. Existem algum fundo religioso nas músicas do Envydust?

Shelka: Não, nunca. Se há qualquer fundo religioso em nossas letras, está com a intenção de protesto, de repensar, mas nunca de pregar qualquer tipo de ideologia ou dogma. Cada um acredita no que quer e nunca julgamos ninguém por isso.

Daniel: Fico feliz que tenha perguntado isso. Vou aproveitar esse momento pra já esclarecer uma dúvida que paira pelo ar e já tirar do caminho algumas besteiras que as pessoas falam por aí. Apesar de muitas pessoas acharem o contrário, Envydust não é uma banda religiosa/cristã/pregadora. Cada um da banda tem suas crenças diferentes (desde judeus até ateus) e não faz muito o nosso naipe ficar pregando por aí. Embora haja algumas referências a Deus em certas faixas, nós tomamos o cristianismo só como base para desenvolver um conto de ficção. Agora o contexto em que a religião é disposta na história já não vou falar pra não perder a graça, mas eu recomendo que os fãs que acham que estamos pregando dêem uma analisada mais profunda.

O experimentalismo está mais evidente. Por que adotaram essa tendência? Ela veio para ficar?

Shelka: Ela veio naturalmente. A gente sentiu a necessidade de algo a mais pra complementar e completar nossas composições e resolvemos inserir elementos novos que acabaram nos agradando e muito. Não sei o quão dispostos estamos a experimentar demais a curto prazo, mas os novos elementos presentes nas nossas músicas

só tendem a ganhar mais espaço com o tempo.

Max: É aquele velho clichê de que você não atravessa o mesmo rio duas vezes. Primeiro porque quando você tentar atravessar novamente você já vai ter mudado, e segundo porque o próprio rio já vai ter mudado. Pra nossa música também funciona assim. Algumas pessoas devem ter ficado naturalmente desapontadas com o segundo disco, esperando uma continuação do “Quando Estar Vivo Não Basta”. Mas o fato é que no dia em que fizermos um álbum igual ao anterior, vai ser hora de parar. Essas coisas foram feitas pra serem pensadas sempre afrente, um evento depois do outro. Porque você vai mudando, e isso vai se refletindo nas coisas que você faz. Faz parte da brincadeira.

O álbum conta com algumas participações especiais?

Max: Além dos próprios produtores (Lineu gravou violão numa música e guitarra em outra e Pedro gravou hammonds e pianos), também gravaram com a gente outras pessoas talentosíssimas. Deborah Reis, Helena Giovanini, Livia Libâneo e Tchello Palma gravaram voz, Gabriela Castro gravou flautas e Felipe Pipeta gravou trompete.

Atualmente tiveram um troca de guitarrista?

Daniel: Ah... atualmente a uns 2 anos atrás (risos). Como era primeiro de Abril a gente decidiu encher o saco das pessoas e falar que o nosso roadie, Guile, entrou no lugar do Bjar, que é atualmente nosso guitarrista. A gente sempre teve uma mania desagradável de fazer as pessoas acreditarem nas mentiras mais absurdas. Maior delas até agora é a mentira de que a gente é uma banda de verdade.

Mesmo cantando em português, tem algum “feedback” do estrangeiro?

Max: Temos frequentemente comentários positivos de outros lugares, especialmente através do myspace. A barreira da língua acaba sendo um pouco mais complicada nos Estados Unidos, que é um país culturalmente mais fechado a esse tipo de coisa. Mas na América do Sul, por exemplo, as coisas são mais tranquilas, e temos uma boa resposta especialmente no Chile. Já falando da Europa, Portugal é um lugar que queremos muito conhecer e tocar, já que a barreira da língua não existe.

Tem feito bastante concertos ultimamente.

Como tem corrido? Algum show em especial?

Shelka: De longe, o nosso show de lançamento do “UM” (22/03/08) foi o mais especial. Um marco pra gente, ficou gente pra fora da casa, os CDs se esgotaram, rolou uma energia muito forte, foi emocionante.

Max: Estamos tentando manter a agenda sempre cheia, divulgando ao máximo esse novo trabalho.

Parecem ter uma base de fãs já consolidada, pelo menos em São Paulo. Qual o próximo passo do Envydust?

Daniel: o mundo!

Shelka: Pois é, nossos fãs são foda! Acho que o próximo passo é tocar em lugares que nunca tocamos, sair do país de algum jeito pra fazer shows e até atingir mídias maiores.

Max: Estamos trabalhando em vídeos e tentando tocar nos lugares que ainda não tocamos. Queremos tocar fora do país ainda em 2008. Seria incrível! **MATHEUS MOURA**

www.myspace.com/envydust

BURIED YESTERDAY

Em busca da salvação

Despontando como uma das propostas mais promissoras da música extrema da região sul do Brasil. O quinteto curitibano **Buried Yesterday**, nos fala sobre seu recém-lançado EP "Only Salvation For Us", o poder de divulgação da Internet, shows, obstáculos e seus planos para o futuro. O guitarrista Flávio Lucas Schroeder conversou rapidamente com a HORNSUP para sabermos mais sobre a "salvação" que procuram.

Vocês disponibilizaram na internet o EP "Only Salvation for Us". Como tem sido a aceitação do material?

A aceitação está sendo muito boa, principalmente lá fora, sempre estamos no top 10 das bandas brasileiras de Death Metal no Myspace, recebemos muitos elogios de bandas com mais experiência como Paura e Ayat Akkrass. Na verdade eu não esperava uma aceitação tão grande assim. Tem algumas pessoas que falam mal e tal, mais todas as bandas do mundo passam por essas situações, mais apesar de tudo, estou feliz e confiante com a Buried Yesterday.

Porque optaram por lançar na Internet de graça? Chegaram a correr atrás de gravadora ou de algum apoio?

Na verdade nós não temos muita experiência nesse mundo de gravadora, patrocínio e tudo mais. Tocar o nosso estilo de som no Brasil é ter muita coragem, pois é difícil, muito difícil mesmo, conseguir apoios. Optamos lançar na net de graça porque o "Only Salvation For us" é um EP, é mais para divulgação. Nós temos o bom senso de dizer que ainda não temos muita experiência para entrar em uma gravadora, porém o que não falta é vontade. Estamos montando um CD com 12 músicas e já estamos com umas 4 músicas além das que estão no EP, nosso próximo trabalho talvez role com gravadora.

Usam a internet como base de divulgação. Já tem algum feedback do estrangeiro? Alguma coisa séria, para lançamento de um álbum ou turnê?

Algo sério ainda não temos, mais pedidos para nós liberarmos as músicas para tocar em rádio da Europa já rolou, convites para tocar na América do Sul (Chile, Uruguai) e até mesmo no México já tivemos, porém nós falta apoio. Mais estamos cientes que tudo tem a hora certa, e quando for pra rolar, vamos ter apoio e tudo o que precisamos.

Qual a maior dificuldade que enfrentam como banda independente?

Sem sombra de dúvidas a maior dificuldade é o apoio, temos certeza que se nosso som chegasse e mais ouvidos seríamos mais reconhecidos, porém a Internet, apesar de tudo, é meio limitada nesse ponto. É difícil fazer alguém de alguma gravadora escutar, ou algum produtor fodido escutar, é tudo meio que na base da sorte. Entretanto, depois do EP estamos mais motivados e correndo atrás de gravadora, e se Deus quiser vamos conseguir.

Como tem corrido os shows. Tem feito bastante?

Hoje em dia dá para fazer show todo fim de semana, mais como o Brasil é muito grande se torna caro viajar, por isso nos limitamos, ao Sul e Sudeste. Fazemos alguns show, mais buscamos uma estratégia de tentar não cansar o público, fazemos um show por mês mais ou

menos, e isso garante um público legal nas apresentações.

Quais as bandas estariam em uma turnê dos sonhos do Buried Yesterday?

Sem dúvidas seria The Black Dahlia Murder, somos fãs mesmo e estaremos no show em São Paulo, mais existem outras como All Shall Perish, Suicide Silence e até mesmo I Killed The Prom Queen, mais nunca esquecendo dos clássicos: Cannibal Corpse e Napalm Death.

Tem esperança de algum dia viver de música extrema no Brasil?

Com certeza, por isso estamos com a banda, levamos a sério como um trabalho mesmo, apesar de todos da banda serem grandes amigos, existe profissionalismo e estamos na luta para um cenário underground mais valorizado. A galera tem que dar valor ao que tem em sua terra e fico feliz vendo que isso está acontecendo.

Quais os projetos da banda para o futuro?

Deve sair em breve um video clip de uma das músicas do EP (estamos decidindo ainda), estamos na correria para deixar prontinho o próximo que será daí um CD mesmo com 12 faixas e torcendo para que seja lançado por alguma gravadora, agora é correr atrás do sonho mais do que nunca e ver o que acontece.

MATHEUS MOURA

www.myspace.com/buriedyesterday

RAGING PLANET IS PROUD TO PRESENT:



the shape of hell to come

OUT NOW !! THE DEBUT ALBUM OF THE MOST TWISTED AND PERVERSE ROCK BAND ON THE PLANET, A TRULY MUSICAL MAYHEM, PRODUCED BY GRAMMY AWARD WINNER PALLE SCHULTZ, DEATHNROLL AT ITS BEST !



www.myspace.com/wearethedamned
www.myspace.com/ragingplanetrecordsportugal
 /Booking: +351 936661665 :: ragingplanet@gmail.com



Foto: Fran Strine

DESTAQUE



Sevendust

Chapter Seven: Hope and Sorrow
7 Bros.

[8]

Um ano após lançar o álbum “Alpha”, o Sevendust (7D) coloca seu talento a prova e cria “Chapter VII: Hope and Sorrow”. Como o próprio nome já diz este é o sétimo álbum de estúdio da banda, e todo trabalho apresentado nele é uma continuação dos trabalhos anteriores, regado com muito Metal Alternativo, tipicamente norte-americano. Se há algo que não tem como negar, e que o Sevendust faz parte da leva do Nu Metal e foi em cima do estilo que a banda ganhou popularidade, mesmo que a banda tenha tentado cada vez mais se afastar do rótulo de Nu Metal é quase impossível desvinculá-la do estilo. É só ver o padrão vocal gritado e limpo, riffs rápidos e quebrados e com guitarras graves, os refrões melódicos feitos para todo mundo cantar junto. “Chapter VII: Hope and Sorrow” é um álbum que segue numa linha paralela ao traços que descrevi anteriormente. Tudo começa com “Inside”, que traz uma introdução com mais de um minuto e é recheada de sons e ruídos eletrônicos que dão uma ambientação industrial dando a faixa um tom sintético, ao entrar as guitarras, o que se tem é a porradeira já tradicional feita pelo 7D, realmente perfeita para abrir os trabalhos, pois já despeja no ouvinte riffs matadores junto com muita energia e peso. Outro destaque do álbum e a faixa “Hope” começa com um prelúdio de piano, lenta e leve, com os vocais limpos e calmos, A música prega uma peça nos incautos que julgam ser uma balada, pois vai ganhando força e explode em uma faixa candidata a single, sem dúvida uma das melhores composições da banda, outro detalhe e que a faixa tem a participação do guitarrista Mark Tremonti, do Alter Bridge. A outra faixa é “Sorrow” que já começa swingada mas não menos emocionante a faixa conta com a participação de outro integrante do Alter Bridge, o vocalista Myles Kennedy que empresta seus vocais ao trabalho. As 11 faixas do disco se mantêm o selo Sevendust de qualidade. Um ponto fortíssimo do registro é a impressionante versatilidade vocal de Lajon Witherspoon que sem desmerecer todo trabalho feito pelos outros integrantes da banda, pode ser apontado como o destaque do álbum. Esse álbum é indispensável em qualquer coleção e com certeza deve agradar gregos e troianos. **ODILON HERCULANO**



Walls of Jericho
Redemption
Trustkill

Quando dei o play neste EP, pensei rapidamente, “tem algo errado”. Porém, depois de buscar informações, vi que não tinha me enganado. Era realmente a Walls of Jericho. Mas você se questiona, “por qual razão o resenhista disse isso”? O EP é simplesmente formado por 5 músicas - acústicas - diga-se de passagem. Algo completamente inusitado na carreira deste grupo de Metalcore/Punk. Candace Kucsulain, a vocalista, sempre teve vontade de fazer uma gravação mais leve, porém o som praticado pela banda nunca a possibilitou de executar o seu desejo. Sendo assim, lançaram, produzido pelo conhecido vocalista Corey Taylor (Slipknot, Stone Sour), este EP, no qual o mesmo canta nos backing vocals, em algumas faixas, e aparece mais no dueto com Candace, na última faixa, a “Addicted”. Como sempre, cantando muito bem, um dos melhores vocais que conheço. “Ember Drive” é muito bonita, abrindo com estilo, em uma atmosfera sombria, paranóica, e bela ao mesmo tempo. O refrão é muito triste, assim como todas as faixas. “My Last Stand” mantém a tristeza, porém com uma guitarra levemente distorcida de fundo. “No Saving Me” segue a mesma levada da faixa anterior, porém, possui um belo solo de guitarra. “House Of The Rising Sun” é uma das mais lindas, com um refrão que parece nos contar uma história distante e melancólica. Para os fãs do peso, não se assustem, em breve eles voltam com brutalidade total. Porém, no momento, curtam este lado light. Eu adorei. **IGOR LEMOS**



They:Swarm
The Mundane
Corruption
Independente

Naturais de uma das zonas mais instáveis do planeta, essa banda israelense se destaca pela presença de Svencho, vocalista do Aborted, se esgoelando ao lado de Mr. Jones nas insanas faixas deste novo lançamento do They:Swarm, que anteriormente era conhecido por Whorecore. Sob o antigo nome, lançaram “Protection” em 2006, que não fugia à regra Death/Fastgrind, com composições dinâmicas e brutais. Com base no relato anterior, o “novo” They:Swarm não poderia ser diferente, e provam com muita fúria o quanto o EP “The Mundane Corruption” é superior ao seu antecessor. Apesar de conter apenas 5 faixas, incluindo uma introdução bem diferente do estilo da banda, extrapolam os “limites do extremo” no restante do pequeno disco, que pode ser grandioso tamanha sua bestialidade. A competência do baterista Meiden é notável, triturando cada música sem perder o pique alucinado, seguido pelas tortuosas guitarras de The Goat e Eran que expõem breakdowns demoníacos e diretos numa linha mais Hardcore, enquanto o baixo de Evil

[8]

Haim se mantém onipresente. Não há uma música de destaque, apesar da boa cozinha encontrada neste álbum, pois são poucas as faixas, o que impossibilita um maior conceito sobre o conjunto, portanto, todas as faixas se sobressaltam e cativam pelo peso e rapidez, idealizados por pessoas que realmente se dedicam ao Metal/Hardcore num país onde apenas a guerra e o terrorismo sobem no palco e bombas e gritos desesperados são a trilha sonora. A questão é esperar pelo full length a ser lançado no final de 2008 e ter uma opinião mais extensa do que esses caras, com apelidos nada convencionais, são capazes de fazer. **RICARDO MICHILIZZI**



Kneeldown
Volcano
Independente

Para quebrar o silêncio de 5 anos desde o lançamento de seu último EP, “06:51AM”, a banda alentejana Kneeldown lançou recentemente seu novo trabalho intitulado “Volcano”. O power trio português tem uma nova formação, contando agora com Phur (vocal), Nã (guitarra) e, o único original, Mau (bateria). Esse novo registro traz 5 faixas recheadas de uma mistura de Hardcore, Metal com alguns traços de New Metal pelo meio. O som, por si só, é distinto, os diferenciado de grande parte das bandas que juntam Metal e Hardcore da forma mais convencional. Ainda não tem uma personalidade totalmente vencedora, mas vão por um bom caminho. A qualidade de produção não é das melhores, entretanto se levamos em consideração que gravaram em casa, sozinhos, contado apenas com a ajuda de Nexion K (guitarrista do Re:aktor) que tratou da mixagem e masterização, está de bom tamanho e conseguem se apresentar com clareza. Nos 30 minutos, divididos por 5 faixas, irá encontrar um punhado de bons riffs, momentos de maior explosão e agressividade e grooves empolgantes. O ponto fraco reside no exagerado tamanho das faixas que compromete a fluidez e acaba a dispersar a atenção do ouvinte. “Volcano”, como o nome indica, é um vulcão que apresenta sinais de atividade e a erupção parece ser iminente. Aguardamos por ela, em formato full-length. **Matheus Moura**



Red I Flight
The Years
Victory

Certos estilos musicais vivem momentos altos e baixos, isso é evidente. O Metalcore é o exemplo mais recente deste fenômeno. O estilo não é apropriadamente novo já que surgiu na década de 80, mas vive seu apogeu atualmente, guiado por bandas como Atreyu e As I Lay Dying dentre outras. O Red I Flight uni esforço para desbravar este caminho árduo com seu último lançamento “The Years” pelo selo Victory Records. Mas nem tudo são flores, o álbum apresenta uma



American Me
Heat
Rise

Curto, grosso e com a suavidade de uma tijolada na cara, vem à tona o álbum de estréia da banda norte-americana American Me. O filme homônimo de 1992, serviu de inspiração para o nome, e a película traz uma brutalidade similar à apresentada em “Heat”. Mostram uma sonoridade que carrega a atitude Hardcore super agressiva semelhante a Remembering Never, adicionada a riffs extremamente graves (guitarras afinadas em A) que lembram Emmure. O resultado dessa mistura são vinte-e-poucos minutos de descarrego Hardcore heavyweight, contornados por breakdowns dinâmicos e grooves animados. O vigor e a solidez de faixas como “Attribute of the Strong” ou “Columbian Neck Tie” são inquebráveis. Conseguem atingir um nível de agressividade e peso inacreditáveis, sem apelar à recursos de produção ou outros truques manjados para obter o efeito de “boom”. Tony Mosh, o vocalista, divide suas funções com o guitarrista Brian Blade e com o baixista Doug Funny, criando um conjunto de vozes musculadas de alto calibre e totalmente adequadas a violência instrumental. As guitarras, juntamente com o baixo, formam uma tsunami sônica que, coordenadas pela feroz bateria de Scotty Walker, podem causar estragos permanentes aos tímpanos mais sensíveis. “Heat” foi feito para o “Mosh”! Quando ouvir “We’re American...ME!!!” se prepare para ganhar uns hematomas ou perder alguns dentes. **MATHEUS MOURA**

sonoridade que pode ser qualificado como razoável para quem se propuser a ouvir e delinear valores as canções. Mantendo a linha Metalcore não demonstram nenhuma proposta inovadora. A guitarra de Eric Gerloff introduz riffs que na progressão do álbum vão se tornando repetitivos. Parece que o guitarrista teve seus momentos de luz nas faixas “Lesson 34” e “Introlude” que se destacam das demais por apresentar uma bela harmonia. O vocal de Josh Robinson não é dos melhores, ainda mais quando abusa dos vocais graves, características que seriam mais bem aproveitadas se ele cantasse em uma banda de Death Metal. A bateria bem como o baixo não se destacam como deveriam, seguindo uma apresentação coadjuvante ao longo de todo o registro. A produção ficou a encargo Jamie King, o mesmo produtor do excelente “Colours” do Between the Buried and Me. Em uma análise mas generalista, percebemos que a banda se limitou muito as características propostas pelo estilo. O que nos resta é dar tempo ao tempo. Como bons ouvintes, estaremos a espera do próximo trabalho no qual satisfaça nossas necessidades musicais, sem cópias, sem delimitações, apenas música de qualidade. Pois mesmo que a banda não tenha feito um trabalho excelente, é merecedora de nosso respeito pois só quem faz música sabe que são com os erros que se constroem os a certos. **LEANDRO EVERTON**

[9]



Greeley Estates
Go West Young Man,
Let The Evil Go East
Ferret

Da mistura entre o Screamo e o Post-Hardcore, nasce a Greeley Estates. Formada em 2002, este é o 3º full-length da banda, depois de diversas trocas de integrantes. Trouxeram para esse álbum, o vocalista da In Fear and Faith para tocar baixo e fazer as melodias junto ao vocal principal. A verdade é que todos os membros que formaram a banda não se encontram mais nela. Todas essas mudanças também surtiram efeitos neste álbum, comparado aos anteriores. O nível apresentado com o “Go West Young Man, Let The Evil Go East” é muito superior a tudo que já foi feito por este conjunto. Sairam de um som genérico para um Screamo com diversas passagens estranhas, com canções pesadas, muito gritadas e melodias cativantes. A sonoridade muda com frequência, tirando completamente o perfil de álbum chato e monótono. O vocalista Ryan é muito bom no que faz, a união de seus gritos com os breakdowns e dissonâncias criados pelos guitarristas Brandon e Alex são notáveis. O baixista Telle também pode ser ouvido, mostrando que, além de dar peso ao som, possui sua identidade. O baterista Bchamp capricha em tudo, desde o pedal duplo até as viradas e uso de pratos. Tudo isso resultou em um ótimo lançamento. Mencione as melhores faixas: “Blue Morning”, além de ser a música de divulgação, é uma das mais loucas que já ouvi, pesada e insana, com uma quebra de melodia perfeita, “Go West Young Man” mantem o peso, com outro refrão grudento, “If We’re Going Out, Let’s Go Out In Style” traz guitarras com um som diferenciado, na quebra de tempo, além de um refrão que é muito louco, parecendo uma canção de criança, de tamanha inocência, mas com gritos perturbadores de fundo. “Desperate Times Call For Desperate Housewives” traz os breakdowns mais pesados do álbum, lembrando o peso do Metalcore. “Mother Nature Is A Terrorist” é uma das melhores, mais um refrão grudento e muito bem elaborado. “There’s Something Wrong With The World Today” é outra faixa que possui no título referência com preocupações com o ambiente. Outra faixa de refrão cativante. Esta é uma das marcas registradas deste álbum, chamar o ouvinte a memorizar cada detalhe de suas composições. Coloque pra tocar quantas vezes quiser, altamente indicado. IGOR LEMOS



Hate
Morphosis
Listenable

O Hate é uma banda polonesa que já tem mais de uma década de estrada. Baseado nisso, lhes digo que eu esperava bem mais desse “Morphosis”, sétimo álbum oficial do grupo. A começar que os caras estavam há 3 anos sem lançar e chegam com um CD de apenas 7 faixas - sendo que uma é a intro de 30 segundos - e com 38 minutos, onde que

[8]

as duas melhores músicas soam como um híbrido de Behemoth mais polido, partindo daí, já podem ter idéia do porquê da decepção. Antes fosse apenas isso, mas não é. Mais da metade do álbum é preenchida por músicas que possuem andamentos mais medianos, ou seja, não tem velocidade absurda e nem é muito cadenciada, e isso realmente soa “sem sal” aos ouvidos. Menos mal são “Omega” e “Catharsis”, que são muito boas e dignas de notas altas. Porém, como todos devem saber, duas músicas não fazem um álbum, e por isso ficou mediano. Interessante que eles adotaram alguns samples industriais e passagens com efeitos eletrônicos, mas nada muito presente. É melhor os caras sem empenharem mais, pois lançando um disco assim eles continuarão sendo muito desconhecidos pelo público mundial, não conquistando nem metade da popularidade dos conterrâneos do Behemoth ou de bandas que praticam a mesma linha de som. Vale a pena conferir, mas não recomendo a você ter esse álbum na coleção de originais. JULIO SCHWAN



Enne
Nômade
53HC

Minas Gerais é o berço de um sem-número de bandas de altíssima qualidade, há de se convir. Representado a nova safra da cena mineira, está o Enne. Formado há 7 anos, o grupo mantém basicamente a mesma formação desde o início de sua carreira, tendo havido apenas a troca do ex-baixista Rafa pelo atual Luciano. De lá pra cá, já foram lançados três materiais (duas demos e o debut “Momentum” em 2004). O disco de estréia já mostrava um grupo com uma identidade sonora firme, marcando presença em melodias contagiantes e em refrões “chiclete”. Lançado oficialmente no dia 29 de Março, “Nômade” é o segundo álbum da banda. Nesse novo disco, inovou radicalmente: as letras que antes eram em inglês, agora estão em português. A mudança de idioma fez as músicas soarem muito mais verdadeiras e sinceras, desempenhando bem o seu papel de catarse de emoções. O grupo também redirecionou, sutilmente, sua sonoridade, outrora marcada por pitadas de Hardcore melódico, para um universo mais focado no Rock alternativo. O trabalho dos guitarristas oscila entre acordes enorpados (como em “Ao acaso”) e melodias expansivas, a exemplo da faixa mais comovente de todas: “Entre dois nós”. Os vocais afinadíssimos e marcantes de Jay ficaram perfeitamente encaixados em “Lugar comum”, e o músico soube também dividir os refrões de “O Melhor Que Consegui” com Rodrigo Lima (Dead Fish) de forma sincronizada. No quesito conjunto, a banda sagrou-se coesa, uma vez que o notório entrosamento entre Cacau e Luciano ajudou bastante nesse sentido. Os destaques dessa obra vão para o todo: a composição das músicas; a qualidade da gravação; e a impagável arte gráfica. Trocando em miúdos, o Enne conseguiu manter as características positivas de “Momentum”, ampliou-as e inseriu novos elementos que aperfeiçoaram o som da banda. Como todo grande álbum, “Nômade” exige uma oca-

sião especial para ser apreciado, de certa forma. É ideal para momentos reflexivos e intimistas, onde o ouvinte esteja aberto a ponderações sobre seus sentimentos e suas perspectivas de vida. Afinal, nunca se sabe realmente para onde as estradas nos levarão. PAULO VÍTOR



Trigger The Bloodshed
Purgation
Rising

O presente ano tem sido extremamente receptivo a novas bandas. Já é bastante considerável a quantidade de lançamentos dos primeiros full lengths de vários grupos ao redor do mundo até o momento. Incorporando essa avalanche de novidades, estão os britânicos do Trigger The Bloodshed apresentando o seu debut, “Purgation”. Diferentemente de alguns fracassos, essa é uma banda nova (literalmente, pois tem apenas 1 ano de existência, e o seu baterista apenas 15!) de extrema qualidade. Apesar da pouca idade, estes rapazes mostram uma maturidade sonora atípica, evidenciada na forma com que executam um Death Metal roots impecável, mesclado a pitadas de Grindcore. Produzido por Mark Daghorn (Cradle of Filth, Raging Speedhorn, Mendeed) e mixado por Karl Groom (Dragonforce, Threshold), o álbum recebeu acabamento sonoro fenomenal. A maestria com que Rob e Martyn se revezam para encher o som com riffs precisos e diretos, a destreza monstruosa do moleque Max “tirando leite de pedra” de seu drumkit e a enorpada dada pelo som grave do ex-baixista Jamie, concretiza a parte instrumental oferecendo um prato cheio a ser trabalhado pelo vocalista Char, que de modo algum decepciona, marcando presença com seu vocal gutural lacerante. Adjetivo, por sinal, muito bem empregado no título da primeira música de trabalho do disco (a 3ª faixa). Todas as composições do álbum estão muito bem equilibradas, encontrando-se num mesmo patamar. Seguindo esta lógica, a audição de qualquer uma delas aleatoriamente, traz um panorama geral do que é apreciado em pouco mais de meia hora de duração do disco, respeitando é claro, as peculiaridades de cada composição. Reafirmando o quão fiéis estes rapazes são ao estilo que executam, nenhuma música em “Purgation” atinge os 4 minutos de duração. Há quem se arrisque a dizer que desde o Carcass, com exceção do Napalm Death, a cena Death britânica nunca mais esteve em pé de igualdade com as bandas norte-americanas, situação que estaria agora chegando ao fim com o surgimento do Trigger The Bloodshed. Não diria que isso seria um equívoco, mas tampouco é uma certeza. Trata-se, indubitavelmente, de um disco anormal (tendo em vista a alta qualidade do material que é executada por músicos ainda muito jovens), com o objetivo de saciar os anseios de quem gostaria de ouvir o verdadeiro Death Metal de “antigamente”, porém feito nos dias atuais. Mas é necessário acalmar os ânimos e esperar que o tempo prove se estes britânicos irão ou não, corresponder às expectativas postas sobre os seus ombros. PAULO VÍTOR

[9]



Burning Skies
Greed.Filth.Abuse.
Corruption
Lifeforce

Ter uma banda sob o rótulo “Deathcore” começou a se tornar pejorativo a partir do momento que uma avalanche de coletivos de qualidade duvidosa resolveu adotar o mesmo estilo, dada a sua visibilidade ocasional, assim como aconteceu com o Metalcore. Felizmente, há sempre grupos que vencem pelo talento e individualidade e não pelo oportunismo. Como no caso do Burning Skies, banda inglesa, já com 6 anos de estrada que se prepara para lançar seu 3º álbum, intitulado “Greed.Filth.Abuse.Corruption”. Com esse registro colocam o seu som alguns degraus acima dos modismos vigentes e clichês desgastados da atualidade. Vão muito além da mistura monótona dos breakdowns com double bass abundante, low-ends desnecessários, blastbeats banais e tremolo pickings forçados. Investem em riffs marcantes e massudos com um groove poderoso, alternando acertadamente os breakdowns com o andamento acelerado do Hardcore e pitadas da violência Thrash Metal e insanidade Grindcore. A utilização de dois vocalista, sendo um gutural e outro berrado, não é nem um pouco original (vide Despised Icon, entre outros), mas conseguem fazer com que funcione perfeitamente. A mescla de Hardcore/Death/Thrash agressivo com algumas nuances diabólicas “a lá” Slayer nas guitarras dão um dinamismo explosivo e contagiante. A bombástica faixa de abertura “Warhate” inicia as hostilidades com o “punch” destruidor, que se estende pelos restantes escassos 28 minutos de “Greed.Filth.Abuse.Corruption”. Com esse álbum, o Burning Skies prova, por A + B, que a maturidade também tem espaço no Deathcore. Brootal! MATHEUS MOURA



Bury Your Dead
Bury Your Dead
Victory

Vindos de Boston, E.U.A., este grupo de Metalcore com influências, bem discretas, de outras ramificações do Metal, abusam de uma das coisas mais interessantes da música pesada: o breakdown. Não é de graça que lançaram um álbum chamado “The Beauty and the Breakdown”. Caso você goste destas quebras de tempo, será muito bem vindo aqui. Porém, uma novidade, o som mudou consideravelmente com a entrada do novo vocalista. As melodias estão bem interessantes, nada perto de vocais limpos de bandas de Post-Hardcore ou mesmo de outras bandas de Metalcore como Caliban, mas sim passagens melódicas rasgadas. Essa mudança de vocal foi considerável, mas para ser mais preciso, desde a sua formação, a banda mudou de integrantes 15 vezes. Mike grita muito bem e faz perfeitamente a sua função, não deixando saudades do antigo vocalista. Os guitarristas Slim e Eric detonam

[8]

nos breakdowns, além de fazer outros tipos de passagens nas músicas, por vezes, com um som mais leve. O baterista Mark é preciso no seu trabalho e o baixista Bubble dá um peso tremendo ao trabalho, junto as guitarras. O processo de composição é bem diferente. Na hora que der vontade, os integrantes vão até uma sala e gravam como querem, e, indo mais além, eles dizem não praticar, nem querem evoluir na música como obrigação, deixam isso acontecer naturalmente. Outro ponto é a escolha deles por um som mais cru, com guitarras afinadas em um som mais grave, em A (Lá), o que é muito baixo, lembrando bandas como Slipknot e algumas músicas da Taproot. Não estou juntando o som das bandas em semelhanças, mas sim o peso instrumental em relação às guitarras, pois elas são realmente o diferencial deste full-length. As faixas de destaque são: “Womb Disease”, “Year One”, que possui um belo refrão e um solo de deixar qualquer guitarrista animado, “Disposible Yours”, e mais duas músicas interessantes, que possuem um som mais lento em algumas partes, a “Infedel’s Hymn” e “Fools Gold”. Se você gosta de música pesada, breakdowns e gritos bem feitos, aqui está uma ótima pedida. Porém, um defeito, com o tempo o álbum começa a cansar, pois não é inovador. Isso mata qualquer grande trabalho. IGOR LEMOS



Epicurean
A Consequence Of
Design
Metal Blade

Os americanos do Epicurean já tem alguns anos de estrada, bem como o álbum em análise. O fato é que agora que eles são da Metal Blade e o selo resolver relançar o registro. Não apenas isso, também remixaram, remasterizaram e adicionaram duas músicas novas. “A Consequence Of Design” passeia pelo mundo do metal melódico, sinfônico e qualquer outro que careça de peso e possua um monte de arranjos bonitinhos. Possui apenas um diferencial: um vocal agressivo. Mas então, eu lhe pergunto: Para que?! Alguém me diga, por favor. Quem curte som pesado não escutará porque o instrumental é leve. Quem curte o Metal tradicional não escutará porque o vocal é agressivo demais. E isso é fato provado! Mandei algumas músicas para amigos que curtem desde o mais extremo ao mais leve metal, e a reação foi a mesma. Comigo também. O álbum acaba soando desagradável, chato, completamente igual do começo ao fim. Talvez isso se deva ao fato de que 3 dos 6 membros da banda são chamados de John. Brincadeiras à parte, vale ressaltar que é uma bela tentativa de soar original dentro do estilo, porém completamente em vão, já que dificilmente terá um público. JULIO SCHWAN



Thaurorod
Mourning Lake
Independente

Depois do promissor “Tales of the End”, lançado em 2006, este jovem sexteto finlandês

[9]



Black Tide
Lights From Above
Interscope

O Thrash Metal perdeu o charme nas mãos dos próprios criadores (não convém citar exemplos), mas não impediu que novas bandas abusassem do estilo de uma maneira mais moderna e distinta. Sem se prender ao rótulo predominante em “Light From Above”, o Black Tide usufrui do Thrash oitentista americano de uma maneira inteligente, mesclando riffs Hard Rock e criando um clima ‘revival’ nada forçado, até mesmo bebendo na proveitosa fonte que vem se tornando o Southern Rock na terra do Tio Sam. Formado por jovens amantes do Metal (jovens mesmo, entre 15 e 18 anos!), o Black Tide participou de importantes eventos, como o conturbado e destruidor Ozzfest 2007, que serviu como um empurrãozinho para a banda caminhar sem tropeços pela instável ponte chamada “mainstream”, além de realizar turnês importantes pela América do Norte e Europa, conquistando fãs igualmente jovens e também os “tíozões” do Metal, que encontraram no som dos moleques algo que havia se perdido há aproximadamente vinte anos. Vocais bem dosados entre Dave Mustaine (“Shockwave”) prova a potência no timbre de Gabriel Garcia e divulga seu talento com agudos de dar inveja) e Matt Heafy (“Warriors of Time”, dona de grudentos ôôôô ôôôô estilo Trivium); solos precisos e cheios de feeling marcam a importante presença das guitarras, que ora lembram Motley Crüe, ora Metallica (há, inclusive, um cover de “Hit the Lights” bem interessante). A bateria e o baixo complementam essa leva de ótimas influências sem grandes destaques, mas dando aquele toque “antiquário” à banda. Um sábio início de carreira que não corre o risco de cair, tão cedo, na mesquize em seus próximos full lengths. RICARDO MICHILIZZI

regressa com “Morning Lake”, uma demo mais variada e inspirada. A grande diferença entre as duas demos é a inclusão de novos elementos em “Morning Lake”, como violinos e death growls. No que toca à composição, a banda mostra muita maturidade, conseguindo criar um som bastante original em todos os aspectos. Os guitarristas mostram muito talento, especialmente nas melodias/solos, melhorando um aspecto que já tinha alto nível na demo anterior. A seção rítmica é do melhor dentro do Power Metal. Muitas mudanças de tempo e variações, algo pouco normal num gênero que ultimamente parece ter só tem uma velocidade. Os teclados criam uma atmosfera épica que encaixa muito bem com as letras e com as vozes. Vozes essas, que estão num registo muito mais grave do que é normal no Power Metal. Em resumo, mais um lançamento muito bem conseguido por parte de uma banda muito promissora. Juntamente com Gladenfold, este sexteto representa o futuro da cena metal finlandesa. BRUNO PEREIRA



Once Nothing
First Came The Law
Solid State

Preparado para levar pancada nos ouvidos? Espero que sim. Once Nothing traz em seu debut, pela Solid State, uma porrada atrás da outra, muito bem feita, em seu Metal com misturas de Southern Rock, que é extremamente instigante, fazendo você querer ouvir várias vezes o álbum. O vocalista e autor das letras, Todd Lowry, grita muito bem, no melhor que o estilo pode apresentar. As guitarras de Josh Branas e Geoff Jenkins são puramente instigadoras, não dando trégua durante as músicas mais pesadas. Riffs de muito bom gosto, breakdowns, tappings e pull-offs de impressionar. O baixo de Steve Lucarelli é uma pilha totalmente carregada, parece não ter fim a potência que dá ao som o seu instrumento. O baterista Giuseppe “Joey” Capolupo é invejável. Trabalhando bem com todos os pratos, viradas, pedais e dando a batida suficiente para destruir sua mente. Analisando as faixas: “The Intimidator” até “The Dust of a Town” são esmagadoras, todas abusando de técnicas instrumentais já citadas. Excelentes. “My Sweet Medusa” é uma balada, que tem uso de violão e gaita. É uma surpresa e uma quebra muito interessante ao peso que vinha seguindo. Ao chegar em “Columbus Wasn’t Looking For America”, o peso volta. “Then Were Nine”, uma das melhores faixas, mistura o Southern Rock com o Metal de forma incrível. “All My Heroes Are Cowboys” trás um breakdown no final que me lembrou o Eighteen Visions em “Tower of Snakes”. “The Truth About Me Or Someone” tem guitarras gêmeas lindas. Um acompanhamento perfeito ao peso que o vocal proporciona. “Whiskey Breath” é a mais Southern álbum. “...And Then Came Grace” é louca. Começa com instrumental apenas, depois fica com um tempo sem som, e logo em seguida uma composição de cerca de 30 segundos, acabando com palmas rítmicas. Para finalizar, uma idéia muito original: o título do álbum “First Came The Law”, completa com o título da última faixa “...And Then Came Grace”. Um dos melhores álbuns do ano. São 58 minutos de muito bom gosto! IGOR LEMOS



Atrocity
Werk 80 II
Napalm

Passados 11 anos após o lançamento do primeiro “Werk 80”, os germânicos do Atrocity estão de volta com uma nova carga de covers de clássicos dos anos 80 em formato metálico. Em 1997, tiveram sucesso com suas versões de “Shout” (Tears for Fears) ou “Wild Boys” (Duran Duran) e, partir daí, lançaram uma certa tendência sendo que diversas bandas começaram a revisitar os “eighties” e prestar sua homenagem. Agora, em 2008, dão, mais uma vez, o seu toque Gothic Metal à mais 11 pérolas escolhidas

[9]

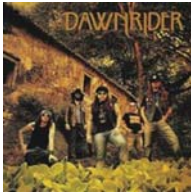
à dedo. Apesar de ser um álbum de versões, se esforçam bastante na criação de novos arranjos ambientais, sinfônicos e sombrios, trazendo as composições para dentro do habitat da própria banda. No geral, o registro é composto por altos e baixos. Quando se assemelham demais as versões originais soam como karaokê, porém quando injetam seu estilo de forma mais veemente o resultado é positivo. A seleção das músicas está bem feita e variada. Temos Depeche Mode, Talk Talk, Alphaville e Eurythmics. Entretanto destaco 3 faixas. A versão brutal de “Relax” do Frankie Goes To Hollywood, o ambiente gótico de “Don’t You (Forget About Me)” do Simple Minds, aonde o vocalista Alexander Krull mostra uma bela voz e “The Sun Always Shines on TV” do A-HA em formato sinfônico com participação de Liv Kristine (Leaves’ Eyes), esposa de Alexander. Se tem menos de 30 anos, as músicas de “Werk 80 II” podem não ter tanto significado, mas, mesmo assim, vale a audição. E sim, é a ex-Sra. Manson, Dita Von Tesse, bem à vontade na capa do álbum. MATHEUS MOURA



André Matos
Time To Be Free
Universal

“Time to Be Free” é uma coletânea de músicas inéditas de André Matos, você pode está pensando que isso é um paradoxo certo! Digo isso, porque logo o ouvinte irá perceber ao longo dos mais de 60 minutos do álbum, influências de todas as fases de sua carreira. Contando com a produção do guitarrista e produtor Sascha Paeth com o qual já realizou vários trabalhos. Tal fato, não faz do disco algo datado ou previsível, mas ouvimos ao longo das 11 músicas uma mistura perfeita e de forma coesa do Power Metal com influências clássicas junto com inserção de harmonias e pianos. “Mennuet” é a música de introdução com menos de 1 minuto que, sem dúvida nenhuma, é totalmente dispensável. Fazendo uma rápida passagens pelas faixas do álbum temos “Lettin Go” que com sua levada speed abre o disco com muita energia e melodia de fácil aceitação, na sequência vem a já conhecida e pesadona “Rio” com sua levada “à la” Judas Priest, chega então “Remember Why” segue na linha mais speed e é uma das mais belas letras do álbum, “How Long (Unleashed Away)” que já inicia com um grande solo e um refrão pegajoso e riffs de ótima qualidade e com certeza é um dos destaques do registro. A cadenciada “Looking Back” tem uma sonoridade e linha vocal que nos remete ao projeto “Virgo” (projeto de André Matos em parceria com Sascha Paeth). “Face The End” é a primeira música de andamento mais cadenciado e com um ótimo trabalho de teclados e bateria. Outro destaque do registro fica por conta de da faixa título “Time To Be Free”, uma música que pode ser considerado um épico possuindo influências de todos seus trabalho e ainda com um toque de modernidade. “A New Moonlight” é a releitura de “Moonlight” do projeto Viper, fraca interpretação e a sensação de que esta literalmente “enchendo linguiça”. E para fechar o trabalho a bem trabalhada “Endeavour”. Um belo trabalho mas deve apenas agradar a fãs de Metal Melódico. ODILON HERCULANO

[8]



Dawnrider
Alpha Chapter
Raging Planet

Túnel do tempo é pouco para os portugueses do Dawnrider. Essa onda de bandas mandando um bom e velho Stoner Rock ou até mesmo um Southern Rock, até que tem sido bem comum ultimamente, mas no caso deste quinteto de Lisboa, a história é um pouco diferente. Os caras não só resgataram o Rock dos anos 70 como também abraçaram a cultura Hippie da época, ou seja, o Rock Psicodélico. Para não forçar a barra e jogar o Dawnrider no mesmo páreo de bandas do estilo como Iron Butterfly e Black Mountain, talvez seja mais adequado definí-los como uma banda de Heavy Rock que aborda temas Hippies como a liberdade, repressão do sistema e questões espirituais. “Alpha Chapter” é o primeiro trabalho oficial do Dawnrider que surgiu em 2004 por membros de outras bandas já conhecidas no underground de Portugal como Subcaos e No-Counts. O que encontramos aqui são nove faixas de puro rock’n’roll da velha guarda com riffs marcantes e sombrios à lá Black Sabbath, solos rápidos e melosos que grudam facilmente na cabeça e alguns momentos mais pesados que, às vezes, soam como Motorhead e coisas mais antigas do Mercyful Fate (claro que só o instrumental). Os vocais roucos de F.J. Dias ajudam a deixar o som do Dawnrider mais agressivo já que seus timbres puxam bastante para o metal mais tradicional dos anos 80. Os destaques vão para as músicas “Shattered love” e “Keep Riding” que é a faixa mais “agressiva” do álbum. JOÃO HENRIQUE

[5]



Agalloch
The White EP
Vendrus

Enquanto não lançam o tão aguardado follow up ao aclamado “Ashes Against The Grain”, os norte-americanos Agalloch voltam a mergulhar no Folk/Dark Ambient e trazem-nos “The White EP”. Trinta minutos cheios de melancolia e beleza obscura. Tal como referi, estas 7 faixas focam-se única e exclusivamente na parte Folk/Dark Ambient do som deste quarteto de Portland, deixando de fora a parte Metal. Uma boa maneira de descrever este álbum seria como uma viagem lenta, através de ambientes frios, com as guitarras acústicas à servirem de guia. Apesar destes 30 minutos terem sido “pensados” e gravados em alturas diferentes, ao longo dos últimos três anos e cobrirem gêneros bastante variados, desde os que referi acima até ao Post-Rock, as músicas encaixam bem umas com as outras e nenhuma delas soa forçada ou deslocada. É esse o ponto forte deste lançamento, a sua coesão, que nem sempre é conseguida em lançamentos deste género. Em resumo, “The White EP” é um registro muito bom e vale a pena ouvir enquanto espera pelo sucessor do fantástico “Ashes Against The Grain”, lançado em 2006. BRUNO PEREIRA

[8]



Socialmente Incorreto
Socialmente Incorreto
Independente

Vem da conturbada cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, essa banda de Hardcore que gosta de letras nuas e cruas, ou seja, letras bem “na cara” do ouvinte. Detonando um som bem simples e genérico, todavia empolgante, a banda chega ao seu primeiro CD após 5 anos de existência e esforço. A começar pela capa, já podemos entender. A quem não sabe ou não compreendeu, a ilustração representa um menino cruzando a fronteira entre Brasil e Paraguai de uma maneira ilegal (por baixo da ponte). Músicas como “Guerra na Fronteira” abordam bem este assunto. A própria intro deste som, que apresenta um diálogo entre o “chefia” e o “comprador”, destaca a triste realidade do cotidiano, tudo com muitos tiros e barulhos de carros ao fundo. Outra que é um belo exemplo de violência lírica é a faixa que leva o nome do álbum e da banda. “Socialmente Incorreto” fala sobre a repressão da prefeitura aos que se opõem a ela, também do fato de não haver fronteiras com a música e que muitos dos delitos cometidos pela maioria são feitos por necessidade, não por gosto. Como dá para perceber, o forte da Socialmente Incorreto são as letras, não muito a música em si. Contudo, “Ninguém se Move” empolga bastante, bem como “Luto Porque Acredito”. Meu conselho – se é que posso dar – à banda: Empenhem-se um pouco mais no instrumental, pois o resto está excelente. Confira esta banda! Vale a pena. JULIO SCHWAN

[7]



The Blackout
We Are Dynamite
Fierce Panda

Esta banda composta por 6 rapazes vindos do País de Gales, realiza um Rock alternativo com elementos de Post-Hardcore que consegue encantar o ouvinte. Com a ajuda de seus conterrâneos da Lost Prophets, conseguiram ganhar um espaço na mídia e começam a dar as caras pro mundo com o seu debut “We Are The Dynamite”. E o que esperar do álbum? A faixa de abertura “Tick Tick Boom!” é um convite ao que está por vir, criando a energia necessária para a explosão que será apresentada posteriormente no desenrolar das faixas. “I’ve Got Better Things To Do Tonight Than Die” é a música ideal para quem deseja conhecer a banda. A estrutura que nela segue é a mesma durante o álbum, o que não significa que ele seja uma repetição constante de faixas, muito ao contrário, a banda é original nas suas composições. A linha musical é grito com melodias, variando entre os vocais de Sean Smith e Gavin Butler. Sim, dois vocais. Guitarras com distorções não muito pesadas, o que aproxima a banda do Rock, com várias passagens lentas, junto a melodias nos vocais e os gritos bem semelhantes ao Post-Hardcore é a melhor definição para o som

[8]



Children of Bodom
Nome do álbum
Spinefarm

A música é como uma imagem abstrata. Ela pode evocar emoções e pensamentos através da utilização de letras simples e complexas melodias ou uma série de progressões concebidas para criar um certo humor ou tonalidade. Esta é a razão pela qual os indivíduos com frequência intitulam certos gêneros musicais, com estereótipos socialmente construídos, por causa das imagens que podem vir à mente através de um processo de auscultação. A maioria dos gêneros têm uma estereótipo associado a ele, como a música clássica se relaciona com a imagem de música difícil, antiquada, fora dos padrões sociais brasileiros. O Metal é naturalmente outra vítima do estereótipo social. Para os ignorantes o Metal está associado com temas alusivos, deprimentes e maléficos. O estilo surgiu na década de 60 e se fez presente na voz de Ozzy Osborne e pelas mãos de Tomy Iommi o estilo tomou forma e se ramificou ao longo dos anos, se difundindo pelo horrores de Alice Cooper e sendo posteriormente aclamado pelo som de bandas como Iron Maiden e Judas Priest. Falar em Metal é olhar em direção a Europa um dos maiores celeiros de bandas do gênero. Children of Bodom nasceu desse nicho, mas precisamente de um país chamado Finlândia. Formada em 1993 com uma discografia composta atualmente por 9 álbuns, se fizeram presentes na cena desde seus primeiros lançamentos até este derradeiro álbum, “Blooddrunk”. Violento, minimalista, técnico, seria o que Yngwie J. Malmsteen diria ao escutar este trabalho, já que o guitarrista e vocalista, Alexi Laiho, se declarou um grande fã da obra de Malmsteen e que não seja por menos, o cara parece incorporar muito do que aprendeu ao escutar os álbuns de seu ídolo. Se segure na poltrona ao colocar este disco pra tocar. “Hellbounds On My Trail”, faixa que abre este álbum, te leva para uma viagem de timbres graves, médios e agudos fritando seus ouvidos com velocidade e nuances altamente técnicas. “Blooddrunk” não deixa por menos, além de ser a canção que dá título ao álbum, ainda carrega consigo a responsabilidade de ser uma das melhores, se não a melhor. Bumbos velozes e precisos explodem em contraste com riffs cortantes e solos virtuosos, apresentando a perfeita sintaxe entre o Heavy e o Death Metal. A interação da banda é notável nos arranjos das canções, os instrumentos aparecessem na medida certa, guitarras dobradas, backing vocals impecáveis, vocalizações excelentes, linhas de teclado se aproximando do progressivo. Children of Bodom é uma banda que está se destacando numa velocidade enorme, tanto pela originalidade presente em cada canção, bem como o talento individual de cada integrante. Um trabalho que promete render bons frutos, afinal apresenta o conjunto guitarra / baixo /bateria / teclado em perfeita harmonia para nenhum headbanger colocar defeito, deixando para trás todo e qualquer estereótipo relacionado a banda e ao estilo, nos mostrando que o Metal está muito além de qualquer julgamento. LEANDRO EVERTON



Burden Of A Day
Blessed Be Our Ever After
Rise

Saídos de um local completamente esquecido na Flórida, em Sarasota, exatamente, a banda Burden Of A Day quebrou barreiras, afastando-se cada vez mais do anonimato, ao fazer shows por todo o país (E.U.A.) e em vários locais da Europa. Apesar do pouco tempo de formação (2004), e este ser apenas o segundo full-lenght do conjunto, eles já estão mostrando o motivo de seu aparecimento. Seguidores do cristianismo, entraram na Rise Records, pelo talento e sua temática. O vocalista Kendall possui um grito muito bom, encaixando-se no contexto. Os guitarristas Josh e Mike, além de acompanharem nos vocais, dando as melodias da banda, realizam um trabalho de ótimo gosto nos seus instrumentos. Poder incrível que emanam. Os breakdowns estão louváveis, assim como a técnica de pull-off. O baixo de Terry não se destaca, porém dá um peso maior ao som. Para finalizar, o baterista Jesse brinca com a sua bateria, fazendo o que bem entende, com as “limitações” do gênero musical que a banda pratica. Não consegui destacar uma faixa, pois todas possuem um significado especial, cada uma com as suas características. Acredito que vocês irão ouvir tanto quanto eu este álbum. Perfeito o desenho da capa. Metafórico e transcendental. Post-Hardcore de primeira. IGOR LEMOS



Illdisposed
The Prestige
AFM

Se existe algo, que dentro da música, que se aproxima bastante de ser uma regra, é a influência que a produção característica da cena de um determinado lugar, exerce na sonoridade das bandas deste local. Obviamente existem exceções - o que não é o caso do disco em questão. Oriundos da Escandinávia, mais precisamente de Aarhus, na Dinamarca, os veteranos do Illdisposed apresentam os admiradores de Metal nórdico com um exímio exemplar de... Metal nórdico! “The Prestige”, o sucessor do aclamado “Burn Me Wicked”, é o primeiro álbum via AFM Records, e o décimo full-lenght do grupo. Ao contrário dos registros de 2006 e 2004, o novo lançamento abriu mão de qualquer descaracterização do estilo praticado pela banda. Neste sentido, não há, em nenhum momento, o uso de sintetizadores e samplers. A palavra de ordem de “The Prestige” é a cruzeta e a força do Death Metal escandinavo tradicional. Assim, Bo Summer não dá descanso ao ouvinte, massacrando (no bom sentido) seus tímpanos com urros bestiais e vocalizações guturais, que jamais se amaciam. A dupla Jakob Batten e Franz Hellboss realiza um trabalho interessante, bem coordenado e dinâmico, apresentando alguns belos solos, como em “Weak Is Your God” e “A Child Is Missing”. Jonas Kloge e Thomas Jensen mostram-se

peças fundamentais na montagem da obra. Porém, Jensen é posto em uma nítida maior evidência ante Loge, tendo em vista seu incansável trabalho com o bumbo duplo. Todavia, não é dos mais rápidos e impactantes verificados dentro desse gênero de música extrema. Em virtude do fato de “The Prestige” se caracterizar por músicas muito semelhantes, existe a dificuldade de se destacar alguma faixa. Ainda assim, merecem atenção: “The Tension” e “Like Cancer”. Fica evidente, portanto, o esforço que o Illdisposed empreendeu ao tentar conciliar a “volta às raízes” com a impressão concomitante de sua identidade sonora. Entretanto, aquele tempero aplicado aos ingredientes presentes nos discos da década de 90 parece ter desaparecido com o tempo, e ainda não fora encontrado. PAULO VITOR



A Textbook Tragedy
Intimidator
Distort Inc.

Vindos do Canadá, ou das profundezas do inferno, devido ao peso do som, A Textbook Tragedy trás um Metal rápido, técnico e bem tocado. Melodia em vocais não é o objetivo da banda, por isso, fás de berros ficarão satisfeitos. O vocalista Chris Bahrís, junto ao também vocalista e guitarrista Kai Turmann, gritam muito. Chris entrou na banda recentemente, antes só havia o vocal do guitarrista Kai. Bill Crook também colabora nos vocais, assim como na sua função principal, baixista. O outro guitarrista é o Adam Christianson. Ambos guitarristas brincam na dissonância, velocidade e breakdowns. Fantásticos. O baterista Nick “Pede” Yacyshyn é considerado um dos melhores bateristas jovens do Canadá. Técnica, eles possuem. Vindos da Distort Inc, o seu primeiro álbum por esta gravadora, e o segundo da carreira, a banda irá quebrar seu cérebro. Vamos às faixas, agora. “If You Want Blood”, apresenta tudo que o álbum mostrará: peso, gritos e rapidez. “Bottomfeeders” é uma faixa de 1 minuto e meio. Destruidora e rápida. Tremolo picking e pedal duplo são os pontos marcantes. “WWJOCD” abusa da dissonância. Faixa bem legal, lembrando a banda Sikh. Nela aparecem os gritos de porco (pig squeal) no backing vocal. “Intimidator” foi uma grande surpresa. Trouxe melodias e uma passagem melódica muito bonita. Mesmo que seja um momento de “leveza”, deu um grande diferencial. “Godspeed, Centipede” é outra faixa que possui melodias vocais. Algo raro no álbum, mas dando novamente um tempero interessante. “E é só”. As outras faixas seguem a mesma fórmula, com brutalidade, unido a técnica. O único pecado que a banda cometeu foi - pasmem - a repetição em algumas faixas. Mesmo sendo excelentes no que fazem, ainda falta algo para que a banda seja única. Com o passar das faixas o álbum começa a encher o saco. Muito comum em bandas novas. Porém, este fato não irá apagar o (bom) estrago que foi feito. IGOR LEMOS



Vortice
Human Engine
Holy Cobra Society

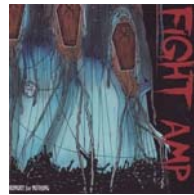
Logo que coloquei “Human Engine”, primeiro full-length da banda espanhola Vortice, para rolar no meu player, logo me veio na cabeça “Ops! Coloquei um álbum do Meshuggah por engano”, e não é pra menos. Apelidados de “Meshuggah espanhol” fica escancaradamente evidente a forte influência da banda suéca. É um registro que mostra um Metal agressivo e técnico com as nuances, groove e sobretempos que hipnotizam o ouvinte, envolvendo-o do da primeira a última faixa. Um trabalho nada mais nada menos que perfeito, conta com riffs alucinantes e muito bem executados, uma linha de baixo e bateria impecável sem contar que o vocal é agressivamente potente. Você deve está aí pensando nada mal para uma estréia de uma banda desconhecida. Mas o pecado cometido pelo Vortice é ter seguido muito a risca a linha desenhada pelo Meshuggah. Qualquer pessoa que ouvir “Human Engine” dificilmente irá desvincular o trabalho do Vortice do som feito pelos suécos, isso acaba que criando uma falta de identidade para a banda. Semelhanças a parte os destaques ficam por conta da matadora “Crows”, a trabalhada “Eternal Insanity” e a faixa título “Human Engine”. Se você gosta de Meshuggah é mais que óbvio que irá apreciar o trabalho, mas acredito que esse registro tende a agradar a todo amantes de Metal suéco. ODILON HERCULANO



The End Of Six Thousand Years
Isolation
Refoundation/Still Life

”Uns com tão pouco e outros com tanto...” - E outros com mais ainda, como é o caso dos italianos do The End Of Six Thousand Years. Esse quinteto chega quebrando tudo e despejando um inteligente mix de extremos no primeiro full-lenght da carreira, lançado agora após um split EP em 2006 com os americanos do Embrace The End. O estilo do grupo é bem progressivo e abrangente, com muitos traços do Death Metal Melódico e até uma e outra passagem de Atmospheric Sludge, lembrando um pouco nomes como Cult Of Luna e Isis. A viagem dos caras é tamanha, que aqueles que têm um ouvido mais atento certamente irão notar traços de Hardcore e outros derivados. É um bom álbum, mas percebe-se que os rapazes têm talento para fazer melhor. Apesar do imenso trabalho, carece de músicas mais memoráveis, daquelas que grudam na mente e não saem mais. Além das instrumentais, primeira e última faixa, que são lindas e com melodias marcantes, a única música que surpreende mesmo é “In Sleepless Silence”, pois tem 7:30 minutos de um andamento arrepiante. As demais ficam como meras coadjuvantes, e isso não é um bom sinal. Espero sinceramente que haja um próximo disco, pois a banda só tende a evoluir. JULIO SCHWAN

[7]



Fight Amp
Hungry For Nothing
Translation Loss

West Berlin, New Jersey, Estados Unidos. Esta é a origem do Fight Amp (anteriormente conhecido como Fight Amputation), banda que lançou recentemente o seu debut “Hungry For Nothing” via Translation Loss Records. A concepção de sonoridade que se propõem a fazer é bastante interessante: uma salada elementos que vão do Grunge, passando pelo Metal e terminando no Punk e no Hardcore. O que se verifica, no entanto, é um resultado medíocre. Ainda que instrumentalmente bem executado, o álbum está repleto de falhas graves. O vocal está relegado a terceiro plano (algo como vozes do além) e é muito mal explorado (baseado numa mesma esganicidade incessante, que com o tempo irrita); as guitarras estão muito altas, os riffs são idênticos e não há qualquer uso otimizado dos pedais, havendo uma única distorção em todo o disco (!); o contra-baixo é mero coadjuvante (seguidor de bumbo); a bateria marca a mesma e sem graça quebrada de ritmo (usando simultaneamente o chimbau, caixa e bumbo, seguido do uso de pratos de ataque, no mesmo processo) simplesmente em todas as músicas e o tempo inteiro, gerando uma sensação de vagareza do tempo, uma espécie de transe temporal, fazendo com que os pouco mais de 30 minutos do registro pareçam penosamente muito mais longos. “Hungry For Nothing” é uma exemplar tortura auditiva! Ouçam a faixa-abertura com o título redundante de “Dead Is Dead” e já saberão o que estará por vir. Há de se frisar, todavia, uma única qualidade perceptível desse álbum: o seu potencial performático. Ainda que seja um martírio ouvi-lo, a execução destas músicas no palco tem grandes chances de ser muito bem sucedida. Cabe, portanto, a seguinte pergunta: valeu, de fato, o sacrifício do Fight Amp em ter dispendido tempo e empenho na criação de um álbum medíocre, de vez que poderia ter direcionado melhor suas forças no que pode lhe render melhores resultados: os shows? PAULO VITOR



Dilúvio
Murderophobia
Pride and Conviction

Belo Horizonte é palco de muitas bandas de sucesso no país, tendo, inclusive, uma importante participação na cena underground, lançando muita coisa boa nos ouvidos de gente no mundo inteiro. Apesar de hoje estar escondida em meio à atenção dada ao underground fora da capital de Minas Gerais, BH ainda desperta muita fúria em formato sonoro, caso do Dilúvio, que anteriormente se dedicava ao New Metal em seu “boom” inicial, chegando até a lançar uma demo auto-intitulada. As influências e direções mudaram quando o estilo musical passou a ser basicamente o Metalcore, com letras que expressam sentimentos sobre tudo o que nos transforma

[2]

e coisas do gênero. “Murderophobia” é um EP com míseras 4 faixas muito bem gravadas (mesmo que o som do bumbo pareça batusque de balde), executadas com raiva pelo vocalista Bruno Paraguay e seus colegas, misturando peso e agressividade sem perderem a linha. O disco começa com “Lugar Alguém”, apresentando riffs de fácil assimilação, facilitando sua absorção. Seguida de “Mal Dita”, também pesada e atmosférica no início, logo revelando sua face Hardcore/Metal presente nas outras músicas, todas com letras em português, revelando o seu lado mais “brazuca”. “Bifor-midade” e “Contratempo” fecham o EP com o peso que iniciou e deixam aquele “gostinho de quero mais”. Não é algo revolucionário, tampouco algo tão brilhante a ponto de catapultá-los a um novo patamar na indústria musical, mas é um projeto simples, sincero no que pretende passar e algo digno de aplauso, já que o underground nacional necessita de mais apoio e crença, e é nesse meio que se encontra o Dilúvio com este “Murderophobia”. Não chegou a inundar, mas encharca a cena com louvor. RICARDO MICHILIZZI



Soilent Green
Inevitable Collapse
In The Presence of Conviction
Metal Blade

Se desgraça fosse dinheiro, o Soilent Green era uma das bandas mais ricas do mundo. Nos seus vinte anos de existência, já passaram por imensas adversidades, desde acidentes rodoviários, com graves feridos, até a morte de 2 ex-membros, sendo um deles, vítima do furacão Katrina. O seu quinto álbum, “Inevitable Collapse In The Presence of Conviction”, vem exorcizar os demônios, pois transferem toda a negatividade e frustração relacionadas as tragédias para o seu Grindcore regado a NOLA Sludge. Como de costume, ignoram por completo as convenções musicais, sendo que refrões, pontes e coisas do tipo, não são ouvidas aqui. A bestialidade é desenfreada, irregular e se atira para o lado que achar melhor. No meio desse festim de hostilidade, encontramos um punhado riffs matadores, muitos deles com um forte tempero Southern. É justamente nas guitarras que recaem os méritos do registro. Brian Patton (Eyehetegod) é exímio na insana arte de tirar riffs brutais das 6 cordas, seja na linha Grind, como também no estilo Death ou Sludge mais arrastado. Os melhores momentos se encontram em “Antioxidant”, “Rock Paper Scissors” e “A Pale Horse and the Story of the End”. A produção assinada por Erik Rutan (Hate Eternal) dá mais peso e coesão e essa bela estréia dos veteranos pelo selo Metal Blade. Grindcore para quem tem pêlo nas ventas! MATHEUS MOURA



Do or Die
Pray For Them
Alveran

“Chover no molhado”. Essa sentença define bem “Pray For Them” mais recente álbum da banda belga de Metalcore, Do or Die.

[4]



Hate Eternal
Fury and Flames
Metal Blade

A quase uma década do lançamento do seu debut album e com mudanças drásticas no seu line-up, mas ainda sob a liderança de Mr. Erik Rutan, a banda americana Hate Eternal concebe o quarto trabalho de estúdio intitulado de “Fury and Flames”. Na primeira audição o registro se mostra totalmente impiedoso e brutal ao extremo, mas na realidade existe uma profunda carga emocional em todas as faixas, e isso se deve ao fato do álbum foi todo composto inspirado no trágico falecimento do antigo (e extremamente talentoso) baixista Jared Anderson. A temática seguida pelo Hate Eternal demonstra não só tristeza, mas emana a raiva e frustração encontrada na dificuldade de lidar com perdas. Melodias caóticas e cheias de nuances mescladas com uma batera quase trigger circulando por todas as faixas criam um ambiente hostil e agressivo contrastando positivamente com cenário desejado pela temática do álbum. Uma das surpresas gratificantes é o trabalho do, até então, desconhecido baterista Jade Simonetto, que mostrou personalidade e estilo bem particular e fez o seu dever de casa muito bem feito, dando consistência e uma pegada impar ao trabalho. Vou me abster da sessão dos destaques, dispensáveis para este álbum sendo que a análise feita é sobre o conjunto da obra. Há apenas um ponto fraco em “Fury and Flames” que é o domínio absoluto das guitarras nas músicas, não que isso seja ruim, mas quando se tem um baixista vituoso como Alex Webster no line-up, o mínimo que se espera é uma linha de baixo mais clara e evidente dando mais corpo ao trabalho. Se você está a procura de um som poderoso para testar aquele aparelho novo de som, ou quer ver o qual os seus vizinhos são pacientes ou apenas gosta de som extremo não deixe de ouvir “Fury and Flames”, é surdez ou melhor, satisfação garantida. ODILON HERCULANO

Se tornou incontável o número de coletivos a explorar o defamado do Metalcore, inclusive com alguma qualidade, como é o caso, entretanto, com pouca personalidade e criatividade quase nula. Aqui o filme se repete. Breakdowns, riffs metálicos e vocalização Hardcore padrão. O pacote completo. O guitarrista Greg “Grinch” Chiarenza é competente e consegue tirar alguns riffs potentes numa onda mais Old School. Já a utilização de 2 vocalistas não funciona bem, pois ambos tem um registro similar, que no final das contas, se não ouvir com atenção, parecem um só. Não vale a pena falar do baixo, pois o mesmo quase não se ouve. Faixas com “Guardian Angel” e “Never Forget” são empolgantes e merecem destaque, porém, com o passar da 13 faixas do álbum, a dinâmica se perde na falta de originalidade. “Pray For Them” não chega a ser mau, mas não tem força para ter seu próprio espaço na multidão de bandas que compartilha da mesma sonoridade. Vale ressaltar as participações especiais de Roger Miret (Agnostic Front) e Jamey Jast (Hatebreed). Não decepciona, nem tão pouco impressiona... MATHEUS MOURA

[8]



Dethklok
Dethalbum
Williams Street

Dethklok. A maior banda de Metal do mundo. O quinteto tem uma legião incontável de fãs obcecados e uma fortuna tão grande que os colocam na posição de “20^a economia do planeta”, superando a Bélgica. Nascidos das mentes de Brendon Small e Tommy Blacha, o Dethklok é o protagonista de “Metalocalypse”, desenho animado que conta as aventuras brutais de Skwisgaar Skwigelf (guitarra), Toki Wartooth (guitarra), William Murderface (baixo), Pickles (bateria) e Nathan Explosion (voz). O sucesso de “Metalocalypse”, transmitido pelo Cartoon Network, foi tão monstruoso, que um álbum com as músicas contidas nos episódios, se fez necessário. Assim nasceu “Dethalbum”, que apresenta algumas faixas retiradas da primeira temporada da série. Na vida real, os 5 elementos são reduzidos a 2, sendo que o próprio Brendon Small é, praticamente, todo o Dethklok, já que fica responsável pelas guitarras, baixo, teclados e voz, deixando apenas a bateria a cargo do experiente Gene Hogan (Strapping Young Lad). Obviamente não é uma banda que se deve levar muito à sério, as letras são cômicas, assim com as temáticas (que são normalmente relacionadas ao episódio), entretanto, mesmo dentro do clima de humor, conseguem criar uma identidade memorável e deixar a marca “Dethklok” gravada. O disco é variado, contendo Death Metal brutal como também elementos mais clássicos e melódicos. Destaco “Awaken”, “Go Forth and Die”, “Fansong” e “Briefcase Full of Guts”. Vale lembrar que o álbum perde grande parte da relevância e diversão para quem não tem contato com o universo “Metalocalypse”, portanto, antes de ouvir, aconselho a assistir, pelo menos, a meia dúzia de episódios, para conseguir relacionar a música com a história, e aproveitar o “Dethalbum” à 100%. Zaz!

MATHEUS MOURA



Kingston Falls
Armada On Mercury
Facedown

Felicidade. Este é o sentimento que consegui identificar em mim, após as várias audições deste álbum. Que gratidão ter ouvido esse conjunto. A mistura que fizeram do Metal com o Punk ficou simplesmente louvável. Vindos dos Estados Unidos, este quinteto formado por Nate nos vocais, que manda muito bem através de melodias perfeitas junto ao baterista Brent e o guitarrista Josiah cria um conjunto completo. As guitarras são muito bem gravadas, com ótimos breakdowns, mas sem parecer cansativo, mais melodias que grudam fácil e gritos muito bem programados durante as faixas. A influência de Atreyu, Bad Religion e Rise Against fez muito bem para estes rapazes. Conteúdo das letras: esperança. Esta é a bandeira da banda. No meio do caos e

[8]

destruição sempre aparece um grupo que mantém um equilíbrio de conteúdo temático. Bom, falarei das faixas: “The Christening” é uma introdução bem medieval, dando um clima de curiosidade ao que está por vir, que é a - perfeita - “Armada on Mercury” e, em seguida “Too Hot for Cold Feet”. Essas faixas foram meu problema, tive grande dificuldade de passá-las. Extremamente viciantes. Melodias, gritos, refrões belíssimos e um solo de guitarra na terceira faixa de muito bom gosto. “On Contentment” dá uma quebra, passando bem mais para o lado punk rock. Fundamental em qualquer álbum esta quebra, e mais uma vez, solo de guitarra. “The Great Divide” mantém a pegada, porém a mais Punk Rock do álbum é a “Freakin’ eXtreme!”, com quase um minuto e meio. Louco. Em seguida vem a “The Illusionist’s Dream”, que já começa com breakdowns, mudando completamente o estilo Punk das duas últimas faixas. Quando acabam os breaks vem um “ôôôô”, bem melódico, junto aos berros. Onde essa banda arruma tanta coisa boa? Sem contar o solo, que começa bem Metal e fica bem Punk depois. Outros destaques: o resto. Pontos negativos? Apenas um, é um pouco longo. Nada muito importante, então vá ouvir logo. Solos, Punk, Metal, berros, melodias, esperança, criatividade, fuga da mesmice. Ainda tás lendo? IGOR LEMOS



Go With Fourteen O
The End Is Close. Almost No Need For Money
Independente

Nintendo Entertainment System, mas conhecido como Nintendo, quem nunca ouviu falar ou nunca jogou Super Mario Bros. que atire a primeira pedra. O console surgiu no Japão em Julho de 1983 com o nome de Famicom (abreviação de Family Computer) e devido ao seu grande sucesso foi relançado em outros países com o nome de NES. Mas a questão é: o que isso tem a ver com música? Simplesmente tudo. Imagine aquela trilha sonora de abertura do game Super Mario Bros., agora imagina essa mesma trilha sendo usado como plano de fundo para uma canção que mistura os gritos do Screamo e influências Hardcore juntamente com batidas rápidas, guitarras harmônicas e teclados análogos às músicas dos antigos jogos. Isso é Nintendocore, música crua e feita de 8 Bits. O Go With Fourteen O mistura em seu som a paixão pelo os jogos do console com a paixão pelo Hardcore, da mesma maneira que mesclam tecnologia antiga com novas idéias. Um projeto ousado que nasceu da união de dois amigos Simon e Dennis, o que resultou neste debut “The End Is Close. Almost No Need For Money”, que cresceu e está rendendo muitos frutos, tanto pela honestidade do som retratando fielmente as baladas dos jogos de 8 Bits, quanto como oferecendo uma alternativa a ideologia das preferências musicais que operam a nossa sociedade atual. O debut é composto por 6 faixas no qual o querido ouvinte poderá se deliciar ao som infanto-juvenil dos instrumentos e ao mesmo tempo tentar adivinhar de qual jogo é determinada melodia. De asas a imaginação, relembre o passado ao som do Nintendocore. LEANDRO EVERTON

[8]



Thy Will Be Done
Was and Is to Come
Stillborn

Mais uma vez nos deparamos com algo que outras bandas fizeram antecipadamente, e algumas até melhor: extrair do Metalcore/Deathcore mínimas gotas de seu amargo chocolate. E olhe que o melhor e mais puro dos chocolates é justamente o amargo. Mas como não estamos tratando de culinária e a páscoa já passou, vamos dar ao menos uma degustada básica em “Thy Will Be Done”, banda dos Estados Unidos que pratica, sem inovações ou mesmo identidade própria, Death/Thrash Metal mesclado ao infalível Hardcore – breakdowns aqui e ali para serem contemporâneos. Nota-se alguns escassos solos de guitarra (em “Bloodwitness”, por exemplo) que lembram algo melódico vindo da Suécia, é claro. O vocal é idêntico ao de Ray Mazolla (Full Blown Chaos) e não há nem como disfarçar, tamanha a semelhança. Geralmente pode-se estar escutando as últimas faixas do disco e pensar que são as primeiras: apesar de riffs às vezes distintos, algumas músicas são absurdamente iguais. A produção do CD ficou a cargo de Zeuss (Hatebreed, Shadows Fall) e Jamey Jasta (Hatebreed), que aparou as arestas, polindo toda sua extensão. Mas um trabalho musical não depende apenas da capacidade de um produtor, se a banda não for competente, o resultado não se garante suficientemente completo, caso deste álbum simplório. Prefira outras bandas do gênero, mas se mesmo assim quiser correr o risco de se decepcionar com “Was and Is To Come”, indico as faixas “Voice Divides” (a melhor, talvez por ser a primeira) e a já citada “Bloodwitness” com seu solinho sem importância. RICARDO MICHILIZZI



The Hottness
Stay Classy
Ferret

Southern Rock in the new black. É verdade meu caro, se não tem uma banda que mistura Southern com qualquer coisa terminada em “core”, está por fora. Engrossando as fileiras dessa “nova” tendência encontramos a banda norte-americana The Hottness, apresentando seu álbum de estréia “Stay Classy”. Adicionam ao estilo citado acima, uma boa dose de Metalcore, evidenciada pelos breakdowns e pegadas mais violentas, 1/2 dose de Hardcore melódico e salpicos de Rock Alternativo ou Screamo. Até que incorporam bem todos esses elementos, mas a verdade é que não consegue transformar tudo isso em algo empolgante. Falta-lhes a boa disposição do Every Time I Die ou o groove poderoso do Maylene and the Sons of Disaster. “Stay Classy” não é marcante, e o fato de não ter faixas memoráveis, é a sua maior falha. Não nos dá motivos suficientes para múltiplas audições. Há bons momento no álbum, como “The City is Ours” e “She’s a Riot”, entretanto, em linhas gerais, é enosso. MATHEUS MOURA

[3]



Threat
Heaven to Overthrow
Voice Music

A banda Threat não é tão nova no cenário underground brasileiro, mas também não percorreu uma grande quilometragem na estrada cheia de curvas que o Metal continua asfaltando. Conhecida, principalmente, por ter realizado a abertura do show do Anthrax no Brasil, apenas recentemente conseguiram lançar o primeiro full lenght após algumas demos que os fizeram evoluir musicalmente. “Heaven to Overthrow” é moderno, ao mesmo tempo em que resgata a energia de bandas que reformularam o peso Hardcore/Metal nos anos 90, caso de Suicidal Tendencies e Biohazard, provando que essas puras influências estão quase ‘palpáveis’ em suas 13 faixas. Algo de Machine Head também é perceptível nas dosagens cavaleares de riffs metamórficos saídos da guitarra de André Curci (o cara se desdobra entre agressividade e continuidade sem nenhum esforço adicional, deixando clara e visível sua atuação). O vocal rouco de Wecko se encaixa perfeitamente na proposta de cada música, contando com o apoio dos backing vocals de Fábio Romero, o baixista com uma puta presença de palco. Edu Garcia consegue se destacar na bateria, mesmo que ela fique devidamente ‘escondida’ ao fundo nos shows. A arte do álbum ficou a cargo de Gustavo Sazes que, como sempre, caprichou nos detalhes do encarte, assim como a produção cristalina e límpida feita pela própria banda juntamente com Heros Trench (Korzus). Então, não perca tempo e adquira rapidamente o seu, pois com certeza as pancadas intituladas “Headswitch”, “Out of Sight, Out of Mind”, a faixa título e outras componentes lhe farão banguelar como louco e repetir seus fixadores refrões por semanas, meses e talvez anos, quem sabe...

RICARDO MICHILIZZI



Maybeshewill
Not For Want Of Trying
Field

Maybeshewill é uma banda instrumental que utiliza elementos do Post-Rock, com eletrônico. As suas músicas se referem, na maior parte das vezes, à cultura popular do Reino Unido, assim como filmes. O que você encontrará ao ouvir estes britânicos, é um som simples de ser digerido, com riffs pesados, que lembram as distorções da Biffy Clyro, assim como passagens mais lentas, das quais me trouxeram a mente a Linea 77, banda italiana muito interessante. As batidas eletrônicas são muito boas e o som não se torna repetitivo por um segundo. Não são tão originais em algumas composições, mas o que importa é o resultado, dramático e agressivo. Uma outra característica é a saída de um momento calmo para algo pesado, num piscar de olhos. Os fãs de Oceansize irão se animar bastante com as ambientações criadas pela Maybeshewill. Os guitarristas Robin e John parecem ser crias

[9]

do som da Biffy Clyro em alguns momentos, como já citei, o baixista Andy mostra o seu trabalho de forma satisfatória, assim como o baterista James, no qual eu o liguei diretamente a Paulson em termos de batidas estupidamente interessantes e quebradas. Em relação ao som destaco as seguintes faixas “We Called For An Ambulance But A Fire Engine Came”, que começa com a dissonância da Norma Jean, porém sem tanto peso, mudando para um som calmo repentinamente, dando entrada em piano e violino para, de repente, entrar batidas eletrônicas. Muito bom. “The Paris Hilton Sex Tape”, é outra faixa que se destaca pela ambientação maluca da banda. “Heartflusters” é uma das poucas faixas que traz vocal cantado, porém, ela não é muito interessante, apenas uma música com batidas eletrônicas de fundo com vocal masculino e feminino. A “He Films The Clouds Pt. 2” é bem mais interessante e longa, uma bela música cantada. “C.N.T.R.C.K.T” quebra todo o peso da faixa anterior, trazendo guitarras altamente distorcidas, assim como a “Not For Want Of Trying”, a melhor música do álbum, com certeza. Ela não é cantada, porém traz um discurso muito bonito sobre o mundo moderno, vale a pena prestar atenção, pois encaixou-se perfeitamente com a ambientação que começou pesada e logo desvinculou-se da sua gênese. Uma boa pedida para quem gosta das bandas Oceansize e Biffy Clyro, com a sonoridade mais antiga. IGOR LEMOS



Shes Is A Liar
She Is A Liar
Hunt

“She is a Liar” foi formada em 2006, derivada dos Estados Unidos da América, mais precisamente das cidades New York e Connecticut, realizam o tão pejorativo Deathcore, que assim como o Metalcore, empalidece cada vez mais. Esse estilo é prejudicado pelas próprias bandas que abusam da mesmice que ele pode oferecer, mas por outro lado, o gênero ainda é uma incógnita e possui fios soltos que pode formar coisas boas dependendo de quem saber usar de todo seu potencial. She is a Liar soube usufruir do Death Metal acoplado ao Hardcore majestosamente. Este primeiro EP auto-intitulado ressalta a idéia proposta em cima das músicas (tratam a mulher de uma maneira machista) com muito peso e harmonia, vocais rasgados seguidos por pig squeals sem exageros, breakdowns e uma cozinha bem organizada que dão um toque especial à sequência de muita pancadaria sonora. O disco contém apenas oito faixas muito bem preenchidas, sem muita frescura e com bastante determinação. Pra quem não sabe, boa parte desse interessante conjunto foi idealizado pelo baixista Josh Venn (All That Remains, Blood Has Been Shed, Flatlined), que juntamente aos seus colegas de banda Tim e Armando (vocalistas), Mike e Wilson (guitarristas) e Jon (baterista) provam o talento que têm como banda, principalmente na instrumental “Interlude”, revelando suas faces técnicas. Não há muito a dizer sobre “She is a Liar”, apenas acompanhem o caminho da banda e notem o quanto podem crescer com este lançamento e, obviamente, com os próximos que estarão por vir com certeza. RICARDO MICHILIZZI

[9]



Riding Pânico
Lady Cobra
Raging Planet

Se aproxima vagarosamente, invade serpenteando através do aparelho auditivo e se espalha pela mente. É desta forma que “Lady Cobra”, o álbum de estréia do Riding Pânico, faz seu takeover. Sem stress e sem palavras, transfunde seu doce veneno para as artérias do ouvinte, que se vê embrenhado na floresta de soundscapes proporcionados pelos quase 50 minutos do registro. Na sua formação contam com 7 elementos, entre eles membros de bandas prominentes na cena underground portuguesa como I Lucy Fell e Men Eater. O fato de possuírem 3 guitarristas abre um leque maior de oportunidades a nível de ambientação e pormenores. Fundem atmosferas gigantescas com uma dose sutil de psicodelismo, similar a da fase “Dark Side of the Moon” do Pink Floyd, com tonalidades mais Stoner monolíticas, nos momentos de maior densidade. Tudo isso é mesclado com muita calma, em um andamento progressivo que estimula a audição para sabermos até onde nos leva essa viagem. Gravado no Black Sheep Studios por Makoto Yagyu, (baixista da banda), mixado por Por Chris Commom (These Arms Are Snakes) e masterizado por Ed Brooks (Pearl Jam, Isis, R.E.M.), “Lady Cobra” fala por si só, sem dar “um pio”. Envolvente e sincero, esse é um álbum feito para tocar as pessoas. Genial. MATHEUS MOURA

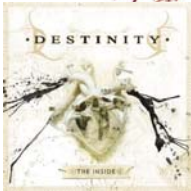
[9]



Resistance
Two Sides of a Modern World
Alveran

É com uma boa estabilidade e segurança que os belgas do Resistance colocam na rua seu segundo álbum, “Two Sides of a Modern World”. Se comportam bem enquanto abrem caminho por diversas vertentes do som extremo, seja no lado mais Death, como também pelas bandas do Hardcore. Apesar de explorarem vários estilos, o que fica no ouvido é de Deathcore, algo como uma mistura de Despised Icon com Job For a Cowboy e similares. Sabem aproveitar das estruturas, usando riffs potentes, bridges dinâmicas e refrões memoráveis. O vocalista Xerus dosa bem o uso de berros, inhales e pig squeals. Porém, toda essa constância tem seu preço. Não há surpresas. Mesmo que não soem como uma cópia deslavada de outra banda, não arriscam o suficiente para garantir uma presença mais vistosa. O álbum, apesar de não ser repetitivo, acaba limitado por uma falta de mobilidade e incapacidade de criar algo único ou minimamente inovador. Jogam pelo seguro e não fazem feio, mas ainda tem de galgar alguns degraus para se sobressair. Destaques para o groove brutal “Cerebral Failure” e para pedalada forte de “Addicted”. É bom, mas poderia ser bem melhor. MATHEUS MOURA

[6]



Destinity
The Inside
Lifeorce

Destinity é uma banda francesa que se arrisca em inovar, de certo modo. Tocar Heavy Metal com vocais Death e passagens sinfônicas de teclado (bem orquestrais, aliás, possui até uns coros nessa linha). Isso tudo não é novidade para ninguém, mas o modo como esse álbum foi produzido é uma novidade, sim. A princípio, o instrumental é na linha do Heavy, porém com a produção encorpada, acabou soando bem agressivo, sem cair naquela mesmice dos anos 80 que, hoje em dia, soa sem sal. O vocal principal é gutural e sujo, mas nos refrãos surgem coros de ópera. O melhor de tudo mesmo é a produção, com uma sonoridade bem original, dando aquela pitada extra ao álbum, já que as músicas não são lá grandes coisas. Não chegam a ser ruins, mas ficam na mediocridade. Possui certo trabalho e os músicos são competentes, mas falta algo que prenda mais à audição, pois lá pela quinta música você perceberá que o álbum em si é praticamente igual do início ao fim. Inteligente e atual, mas sem músicas gloriosas, portanto não é aquele álbum que vai mudar a vida de alguém, ou sequer chegar perto disso. Simplesmente mais um entre muitos, mas com uma produção melhor.

JULIO SCHWAN



In Flames
A Sense of Purpose
Nuclear Blast

In Flames. Uma das bandas mais amadas, e ao mesmo tempo odiadas da cena Metal internacional. Uma das primeiras bandas a praticar o afamado Melodic Death Metal a.k.a. Gothenburg Metal, juntamente com At the Gates, Dark Tranquillity, Ceremonial Oath e Sacrilege. “A Sense of Purpose” é o nono álbum lançado por este quinteto veterano, e é um passo atrás em relação ao álbum anterior, “Come Clarity”, lançado em 2006. Seria muito fácil, e injusto, comparar “A Sense of Purpose” com álbuns clássicos como “Lunar Strain” ou até mesmo “Clayman”, portanto não o vou fazer. O pior é que “A Sense of Purpose” não traz nada de novo ao que já foi feito pela banda (a não ser na faixa “The Chosen Pessimist”, mas já aí vamos), tal como o anterior “Come Clarity” não tinha trazido novidades. O problema deste lançamento é que a maioria das faixas soam como B-Sides do trabalho anterior. Faltam-lhes peso, agressividade. A distorção das guitarras soa demasiado suave para uma banda de Melo-Death. As músicas em si, apesar de simples, directas e acessíveis, não chegam ao nível de uma “Take This Life”, “In Search for I”, “Trigger” ou “Crawl Through Knives”, isto comparando somente com o passado recente da banda. O ponto alto de todo o álbum, é a oitava faixa, “The Chosen Pessimist”. In Flames já tinham experimentado com baladas, com música tradicional sueca e até com Nu-Metal, mas nunca tinham feito nenhuma faixa como “The Chosen

Pessimist”. Lenta, melancólica, em partes mais próxima de uns God is an Astronaut do que de uma banda de Melo-Death. Em relação às restantes onze faixas, apesar de nenhuma delas vir a ser um futuro clássico da banda, nem tudo é medíocre, com faixas como “Sleepless Again”, “Disconnected” e o single “The Mirror’s Truth” a brilharem com alguma intensidade, para contrastar com desastres como “Alias” e “Delight and Angers”. BRUNO PEREIRA



Coldworker
Rotting Paradise
Relapse

Após o infeliz final do Nasum, o baterista e multi-instrumentista Anders Jakobson fundou o Coldworker. Com apenas dois álbuns até o presente momento (“Rotting Paradise” é o segundo), a banda vem sendo descoberta aos poucos, principalmente pelos fãs do Nasum. Apesar de ter sido fundada em 2005, já demonstra um trabalho extremamente maduro e interessante, e logicamente isso se deve ao fato de possuir músicos experientes em sua formação. “Rotting Paradise” é um belo exemplo da mistura perfeita entre o Grindcore e o Death Metal. Sabe quando uma banda consegue juntar dois estilos com maestria e domínio completo, ou seja, quando sabe o que está fazendo? É isso que conferimos aqui. Com músicas recheadas de velocidade, notas moídas, vocais sem pausa e demais elementos de Grindcore, somando os arranjos que somente quem tem muita técnica consegue executar, leves decadências de velocidade durante a execução, músicas com mais de 3 minutos e tons guturais no vocal, que como todos devem saber são elementos comuns entre as bandas de Death. O álbum prende à audição e passa aquela vontade de ouvir novamente algumas das composições. Geralmente, isso se deve a arranjos simples, repentinamente e rápidos, mas que fazem a completa diferença, porque afinal, quem não curte esperar uma virada da bateria sozinha, chegando do nada, ou uma parada geral para a guitarra mandar aquela linha de power-chords velozes e empolgantes? Esses ditos arranjos ocorrem por vezes em diversas das 12 músicas que compõem o álbum em seus 38 impiedosos minutos. Se você é fã de Grindcore ou Death Metal, deve conferir esse CD, pois certamente lhe agradará. E se você é como eu, fã de ambos, não perca tempo e corra atrás do original, pois esse é digno de se ter na coleção de originais. JULIO SCHWAN



Saosin
Come Close
Capitol

Saosin. Conjunto muito conhecido no cenário de bandas de Post-Hardcore. O nome da banda está relacionado a um provérbio chinês datado entre os séculos XV e XVI. Significa “coração pequeno”. O estilo que fazem é muito conhecido e diversas bandas fazem praticamente covers, tamanha falta de criatividade,

mas essa banda é, com certeza, um diferencial do seu gênero. Inovações, melodias psicodélicas, guitarras incrivelmente bem colocadas, vocais que beiram a perfeição. Apesar da sua pegada ser mais leve no gênero que praticam e terem grandes traços de Rock, ainda são rotulados neste pacote. Porém, tirando esses pré-conceitos, são deuses no que fazem. Saosin foi formada em 2003 e, na época, ainda tinham o excelente vocalista Anthony Green, porém, pouco tempo depois, ele deu entrada na Circa Survive. Com isso, Cove Reber pegou os vocais, continuando até hoje. “Come Close” é o primeiro álbum ao vivo da banda. Gravado no The Theater of Living Arts na Philadelphia, no final de 2007, ele trás cinco faixas ao vivo e outras três acústicas. Realizaram turnês por todos os locais do mundo praticamente, com grandes nomes, como Bleeding Through e Senses Fail, na Taste of Chaos e só estão fazendo mais e mais shows. Saosin é uma banda de nome expressivo e muito reconhecida mundialmente, tendo chegado ao segundo lugar no “Top Internet Albums” e 22º na Billboard. O álbum possui faixas bem interessantes, na qual dou destaque para “Voices” e “You’re Not Alone”, que possui uma versão de piano e voz também, dentro do EP. A audição deste conjunto é extremamente recomendável e não vou nem mencionar as habilidades desses instrumentistas, a fama que possuem diz por si só. Agora é aguardar por um álbum de inéditas ansiosamente. IGOR LEMOS



Ill Niño
Enigma
Cement Shoes

Algumas bandas são como bons vinhos: ficam cada vez melhores conforme o tempo passa. Sem correr o risco de exagerar, o Ill Niño é uma dessas bandas. Cada CD é uma evolução, um amadurecimento musical e uma lição de como fazer música. Primeiro adotando uma postura mais agressiva no álbum Revolution Revolución de 2001, o Ill Niño ainda era ofuscado por grandes bandas como Korn, Limp Bizkit, Linkin Park, System Of A Down e Slipknot que dominavam a cena musical no começo dos anos 2000. Em 2003 lançaram Confession, o álbum que colocou a banda nos trilhos do sucesso. De lá pra cá foram mais 3 discos: o excelente One Nation Underground (2005), um Best Of em 2006 marcando a saída da banda da gravadora Roadrunner e ainda em 2006 o lançamento do EP The Undercover Sessions, com algumas músicas inéditas e brilhantes covers de Nirvana, Faith No More e Peter Dinklage. Com a nova gravadora, Cement Shoes, o Ill Niño lança o álbum de inéditas intitulado Enigma. São 13 faixas que fogem bastante do estilo Ill Niño que todo mundo conhece, mesclando músicas mais enérgicas e pesadas dos velhos tempos, com faixas românticas tocadas no violão. Em um primeiro momento, o álbum causa uma certa estranheza, mas ao ouvir com mais atenção e de mente aberta é fácil perceber que apesar de tantas mudanças no seu som a banda não perdeu sua essência e continua mantendo qualidade e disposição nas músicas e letras sempre bem escritas e com conteúdo. De trás pra frente um álbum arrojado, ousado, maduro, e porque não dizer enigmático? CHARLINE MESSA

FILMES



Jumper
20th Century Fox

Para qualquer um que não conheça o Nightcrawler (Noturno do X-Men), a idéia de existirem pessoas com o poder extraordinário de se teletransportar para qualquer lugar parece inusitada e incrível. E é! Infelizmente o diretor Doug Liman não conseguiu explorar o imenso potencial deste tema com “Jumper”. Liman, assim como os argumentistas, dão ao enredo a profundidade de um pires e descartam a possibilidade do filme se tornar marcante. O personagem central é David Rice (Hayden Christensen a.k.a. Anakin Skywalker), um garoto que descobre que tem o poder de “aparecer” em qualquer lugar. Logo, aproveita para sair de casa, aonde vive com um péssimo pai e vai para Nova Iorque. De lá, ele vive “pulando” de lugar pra lugar, aproveitando a vida. As férias eternas acabam quando David se esbarra com Roland (Samuel L. Jackson), uma espécie de caçador de “jumpers” que pertence a uma organização, os “Paladinos”. A confusão aumenta quando David resolve reencontrar sua paixão adolescente, Millie Harris (Rachel Bilson) e acaba cruzando o caminho de outro “jumper”, Griffin (Jamie Bell). Entre um pulo e outro e história se perde, sendo que diversos eventos ocorrem sem a devida apresentação (afinal, pra que servem os “Paladinos”?). A fragilidade dos diálogos e do contexto, associada a má interpretação dos atores tornam as coisas ainda piores. Hayden é morto e seu personagem é inexpressivo e chato, tanto quando sua namorada e a relação entre os dois. Nem Samuel L. Jackson se salva. Roland e seus cabelos brancos não metem medo em ninguém. O

[5]

salvador da pátria é Griffin, o único personagem que brilha em todo filme. Nem tudo é mal, os efeitos especiais são de primeira, as locações são magníficas (foi permitido fazerem filmagens no interior do Coliseu do Roma) e os efeitos e movimentação de câmera dão grande dinâmica as sequências de ação. É mais um “Blockbuster” descartável, mas se não se importa com isso, pode ser divertido. “Jumper 2” em 2011. Espero por um salto maior. MATHEUS MOURA



Vantage Point
Original Film

O presidente do Estados Unidos, Ashton (William Hurt) sofre um atentado durante uma conferência pela paz na Plaza Mayor, em Salamanca, Espanha. Esse é o evento-chave de “Vantage Point” (“Ponto de Vista” (br), “Ponto de Mira” (pt)), aonde 8 personagens tem diferentes pontos de vista da ocorrência e através dos seus “olhos” podemos ir desvendando os mistérios e intrigas da história. Thomas Baner (Dennis Quaid) e Kent Taylor (Matthew Fox, mais conhecido com Jack da série “Lost”) são os guardacostas do presidente. Howard Lewis (Forest Whitaker) é um turista americano que acredita ter filmado os terroristas com sua câmera. O policial espanhol Enrique (Eduardo Noriega) e a jornalista Rex Brooks (Sigourney Weaver) são mais algumas das personagens. Por diversas vezes, em momentos fulcrais, o filme faz um “rewind” para quinze minutos antes do acontecido para amarrar o enredo e aumentar o suspense. A estrutura lembra ao oscarizado “Crash” aonde os envolvidos estão sempre relacionados, mesmo que indiretamente, com direito a reviravoltas e surpresas. As interpretações dos atores não são nada de especial, com excessão de Whitaker, que chega a ser exagerado no quesito emotividade. Há boas

sequências de ação, incluindo uma frenética perseguição de carros das pelas estreitas ruas de Salamanca (que na verdade foram gravadas no México). Uma trama instigante e envolvente prende o espectador, que busca montar as peças do quebra-cabeças e conhecer a verdade por trás dos fatos. MATHEUS MOURA



Cloverfield
Bad Robot

“Godzilla” meets “The Blair Witch Project”? Apesar de ter pensado nisso, não fui o primeiro a fazer essa associação após ver “Cloverfield”. Amplamente divulgado na Internet com o o filme do produtor de “Lost”, J.J. Abrams, “Cloverfield” tem o formato de “Blair Witch”, ou seja, é filmado com uma Handcam para dar um contorno realista (e enjô nas cenas de correria) porém tem efeitos especiais gigantescos e uma criatura titânica que, como Godzilla ou King Kong, tem um prazer desvairado em destruir Nova Iorque. A história é simples. Alguns amigos estão em uma festa de despedida de Rob Hawkins (Michael Stahl-David) que vai trabalhar no Japão, quando alguma “coisa” começa a atacar a cidade. O pânico se instaura e começa a o corre-corre da multidão pelas ruas. Como de costume, a criatura só se mostra claramente lá pelo final do filme, mas vale a pena esperar, pois tem uma design surpreendente e totalmente fora dos estereótipos. A temática não dá muito espaço para os atores, que normalmente se limitam a correr e gritar. Há um par romântico bonitinho que faz com que o enredo não seja totalmente focado na destruição, mas, o destaque fica mesmo para o monstro e os efeitos especiais. “Cloverfield” divide opiniões. Uns amam, outros odeiam (e outros vomitam). É um bom filme de monstro gigante feito de uma perspectiva realista. MATHEUS MOURA

[7]

GAMES



Grand Theft Auto IV
Rockstar (Ps3/Xbox360)

Grand Theft Auto IV foi um dos jogos mais esperados do ano para uma grande gama de fãs da série, que se originou em 1997 com uma versão para PC e posteriormente PlayStation. O jogo era simples, com uma visão de cima, o jogador controlava um criminoso que realizava missões para bandidos a fim de conseguir dinheiro. Agora, com a versão mais recente e um estimado valor de 100 milhões de dólares para sua produção, o jogo mostra extremo realismo e belíssimos gráficos, além de diversos novos recursos. Com suas versões para PlayStation 3 e Xbox 360, GTA IV mostra comprometimento

[9]

e seriedade da Rockstar Games, sua produtora, em relação a série. Ao entrar no jogo, é possível dar início a história de Niko Bellic, um emigrante do oriente médio que chega aos Estados Unidos, precisamente em Liberty City, uma cidade que é a cópia quase perfeita de Nova Iorque. Niko é recebido pelo seu primo no início do jogo, com o pensamento de que viverá o sonho americano, com dinheiro, mulheres e tudo mais. Porém, não se trata da realidade. Seu primo, Roman, é dono de uma companhia de táxi e está envolvido diretamente com a máfia, e é por aí que a história começa. Dentro do jogo, como Niko, é possível conhecer cada canto da cidade, além de utilizar cyber cafés para marcar encontros pela internet, levar amigos para jogar dardos, sinuca, ou mesmo a namorada em um restaurante. À margem da vida pessoal dos amigos e namorada, Niko se vê encurralado por diversos criminosos e acaba cumprindo missões para conseguir dinheiro no país. As missões vão de uma simples carona, até uma guerra sangrenta com a máfia. Com detalhes muito bem feitos, o jogo tem um pequeno problema, que é os gráficos um tanto escuros. É possível modificar nas opções o

brilho e contraste, mas da a impressão de que por mais que você tente, nunca fica perfeito. Por outro lado, a jogabilidade do game está muito realista, principalmente ao dirigir carros. Desta vez, a suspensão dos carros trabalham de forma interessante, chegando a jogar o carro para o lado ao realizar curvas. Além disso, não é possível fazer uma curva em alta velocidade sem brecar antes. Porém, um outro problema decorrente, para alguns players, é o fator enjoativo. Às vezes, as missões ficam um tanto monótonas, apesar de a história manter um padrão interessante. Isto pode deixar o jogador um tanto saturado depois de algum tempo. Já em relação a trilha sonora do jogo, segue o mesmo padrão dos outros jogos da série Grand Theft Auto, que são as estações de rádio. Cada uma com sua peculiaridade e estilo de música diferente, desde jazz até um rock pesado. Em suma, GTA IV é um excelente jogo que não pode faltar na estante de nenhum jogador que aprecia o estilo praticamente inventado pela própria série. Uma super produção do mundo dos games que quase atinge a perfeição. FLÁVIO CROFFI



SEPULTURA

SESC Santo André - 28/03/08
Santo André - SP (Bra)

Após 9 anos longe dos palcos do grande ABC Paulista, a maior banda de Trash Metal do Brasil – e com muito orgulho uma das maiores do mundo – o Sepultura está de volta e nesta noite o concerto é em - Santo André, na vizinhança de Andréas Kisser, que não escondia a empolgação de estar tocando “em casa”. Com o fundo do palco inspirado em seu último álbum de estúdio, “Dante XXI”, o show começa por volta das 21h com muita fumaça e o urro de Derrick: - “SEPULTURA - DO BRASIL - 1,2,3,4!”. A música de abertura desta vez foi a rápida “Dark Wood Of Error” emendada com “Refuse/Resist”, para head-banger nenhum botar defeito. Daí pra frente foi pancadaria pura. Clássicos e mais clássicos que passavam por todas as fases da banda, enfatizando obviamente a fase que o carismático “Fumaça” entrou para os vocais. O concerto seguiu com “Sepulnation”, “Desperate Cry”, “Biotech is Godzilla”, “Territory”, “Bullet The Blue Sky”, “Kayowas”, “Beneath The Remains” entre tantas outras que faziam o publico pular e abrir rodas, finalizando com “Roots Bloody Roots”.

Não há como negar que mesmo após mudanças drásticas e extremamente perigosas na formação, a banda ainda consegue lotar casas de shows e estádios em qualquer lugar do planeta. Os fãs do Sepultura são fiéis e visivelmente estão ali pelo conjunto da obra, pelas músicas e não somente para assistir quem está na bateria ou no vocal. A formação atual conta com Andréas Kisser, Paulo Jr., Derrick Green e o ex-Udora Jean Dollabela, que assumiu com muita responsabilidade as baquetas que um dia foram de um dos maiores bateristas do mundo, Iggor Cavalera (Cavalera Conspiracy) não deixando nada a desejar. Em suma, foi um show incrível, bem próximo de ser um show intimista como se o Sepultura estivesse ali tocando para os amigos. A banda vem se renovando de tempos em tempos e não me refiro à formação, mas sim a sua sonoridade, ao público, ao entrosamento entre os próprios integrantes. Atualmente a banda está em estúdio compondo e gravando seu novo álbum, inspirado no clássico livro de Anthony Burgess “Laranja Mecânica” que virou filme nos anos 70 e em seu protagonista Alexander DeLarge, e deve ser lançado até o final desse ano. CHARLINE MESSA

FOTOS: CHARLINE MESSA

ABC PRO HC 10

Espaço Anchieta - 05/04/08
São Bernardo do Campo - SP (Bra)

No primeiro Sábado de Abril aconteceu no Espaço Anchieta, em São Bernardo do Campo - SP, a 10ª edição do ABC PRO HC, festival de bandas emergentes e que podem ser chamadas de independentes. O evento acontece duas vezes ao ano e de certa forma já virou uma tradição dentre a molecadinha que curte um som hardcore - por sua vez muito mais soft do que hard - e até os tão criticados emos.

O ABC PRO HC 10 tinha como atrações principais bandas estrangeiras como os estadunidenses do **Funeral For a Friend**, **Rufio**, **Strike Anywhere** e os hermanos chilenos do **Humana**. Este “tinha” é por conta da atração principal, o tão aguardado Funeral For a Friend, que cancelou sua turnê sul-americana por conta de problemas com os produtores que os trariam ao Brasil. Caíndo esta atração, o público foi reduzido em relação ao evento anterior que trouxera os marrentos do The Used, mas seguiu em frente colocando como headline a banda Rufio, querida pelo publico brasileiro, não fosse pelo fato do vocalista original Scott Sellers ter faltado à apresentação pois estava ocupado com a sua banda paralela.

Substituído por Peter Munters, vocalista da banda paralela do baixista, a Runner Runner, o Rufio não convenceu. Munters era simpático – até demais, se é que vocês me entendem – não formava par com os caras apesar da tentativa, a banda que parecia uma versão fashion do Rufio que o pessoal costumava conhecer. O vocalista irritava a platéia e isso era visível. Em toda parada entre uma música e outra ele pegava o microfone e cantava o hino do funk nos dias de hoje: “Crêu”. E repetia isso o tempo inteiro. “Crêu, crêu, crêu” fazendo trejeitos afeminados e sexualmente toscos, como se estivesse tirando sarro dos brasileiros, da cultura (ou da falta dela) e do público que estava ali para assistir um show de hardcore e não uma demonstração de um gringo cantando funk. Metade do público que ainda restava foi embora antes mesmo do concerto terminar.

Entre os momentos constrangedores do “novo” Rufio, houve os bons momentos enquanto a banda tocava a clássica “In Your Eyes”, “Above”, “Science Fiction”, “Pirate”, “Follow Me” e “My Scape”.

As estrelas da noite – na opinião da maioria – foram os caras do Strike Anywhere. A banda de Thomas Barnett teve um comportamento exemplar no palco, levantou a galera, gritou, disparou sons como “Prisoner Echoes”, “Timebomb Generation”, “To The World” e “Laughter In A Police Stat”. E o melhor de tudo, pareciam extasiados em estarem tocando no Brasil.

O festival ainda contou com bandas como Fresno, Strikem ForFun, Envydust, Granada, o verdadeiro hardcore-novayorkino-paulista do Nitrominds e muitas outras bandas que estão surgindo e se mantendo na cena independente brasuca.. CHARLINE MESSA

FOTOS: LUIZ FELIPE LEITE



Rufio



Strike Anywhere



Korn



Korn

OZZY OSBOURNE / KORN / BLACK LABEL SOCIETY

Estádio Palestra Itália -
05/04/08
São Paulo - SP (Bra)

Cinco de Abril de 2008 foi sem dúvidas o dia do show mais aguardado do ano. Após 13 anos sem dar as caras em nossa terrinha, Ozzy Osbourne finalmente nos presenteou com mais uma apresentação que definitivamente ficará guardado na memória de todos os fãs que em sua maioria o viu pela primeira vez. Como não bastasse o show do Madman, o Palestra Itália ainda viria os americanos do Korn e Black Label Society para deixar a noite ainda mais especial. Um pouco antes das 19:30 Zakk Wylde e companhia sobem ao palco para mandar um setlist pequeno porém muito bem escolhido pela banda. New Religion abre o show do BLS em grande estilo esquentando o público que ainda estava entrando no Palestra Itália. A cada música Zakk Wylde parecia se empolgar cada vez mais, a começar pelos solos no qual chegava a ser bem exagerado tocando até nos intervalos de cada música. Para quem conhece o estilo do cara sabe que isso não é grande novidade e, de fato, ver o cara fazendo tudo aquilo ao vivo e em ótima qualidade é bem legal já que o profissionalismo da banda toda é realmente impressionante. Em cerca de 45 minutos o Black Label Society executou 8 faixas deixando o público e a banda muito bem satisfeitos.

Muitos não contavam com a precisão do horário mas exatamente às 20:30 era a vez do Korn subir ao palco e mostrar a que vieram e encarar cerca de 40 mil pessoas presentes no Palestra Itália.

Pela segunda vez no Brasil, desta vez sem os integrantes David Silveria e Head. Jonathan Davis, Fieldy e Munky que agora contam com músicos de apoio para seus shows sendo eles Ray Luzier (bateria), Shane Gibson (guitarra) e Zac Baird (tecladista) e Kalen Chase (percussionista e backing vocal) subiram ao palco às 20:30, exatamente como planejado. Uma introdução é executada e “Right Now” abre o set list da noite seguindo com “A.D.I.D.A.S”, fazendo os fãs da banda se descabelarem.

Além dos hits clássicos da banda, o Korn fez o Palestra Itália inteiro cantar o refrão de “We Will Rock You” encaixado no meio da música “Coming Undone”. “Faget” e “Got The Life” foram outras duas músicas no qual Jonathan Davis dedicou especialmente aos fãs “Old School” da banda. Todo o profissionalismo e o peso proposto pela banda foi atendido graças à qualidade do som e toda a sua estrutura que estava impecável, quase raro no Brasil, principalmente em festivais. Vale ainda frisar que o momento mais engraçado e decepcionante ao mesmo tempo foi de ver no telão a cara de alguns fãs do Mestre Ozzy Osbourne completamente emburrados vaiando a banda. Mesmo assim o Korn mostrou a sua qualidade ao vivo e impressionou muita gente, desde aquelas que não gostam do seu “estilo” a aquelas que já não acreditavam mais na banda. Finalmente luzes apagadas e “I Don’t Wanna

Stop” do novo disco “Black Rain” abre o espetáculo a todo vapor. O mestre ainda conta com os experientes músicas Mike Bordin (baterista, ex-Faith No More), Rob “Blasko” Nicholson (baixo, ex-Rob Zombie), Zakk Wylde (BLS) e Adam Wakeman (Teclados) para fazer a festa acontecer da melhor maneira possível. “Bark at the Moon” é a primeiro clássico da noite fazendo os fãs cantarem enlouquecidamente.

Como se não bastasse, Ozzy e companhia já imendaram mais dois clássicos: “I Don’t Know” e “No More Tears”

“Here for You” foi mais uma bela balada do novo disco e “I Don’t Want to Change the World” veio logo em seguida para encerrar a noite, antes do bis, é claro!

Com o público gritando sem parar “one more song” e “Ozzy!Ozzy!”, o madman retorna ao palco agitando mais uma vez o público dessa vez para “Mama, I’m Coming Home”, mais uma clássica e emocionante música de sua carreira solo.

É claro que para fechar com chave de ouro, não podia faltar “Paranoid” para não deixar uma pessoa sequer ficar parada.

O tempo de espera para o retorno de Ozzy ao Brasil foi árduo porém recompensador. Este foi definitivamente um show memorável que já está deixando saudades! Agora é só torcer para que a saúde do velhinho continue firme e forte para que ele possa retornar em breve para nos presentear com os melhores e mais importantes clássicos da história do Heavy Metal.

JOÃO HENRIQUE

FOTOS: PAULO VICTOR ZANELLA TAVARES



The Black Dahlia Murder



The Black Dahlia Murder

THE BLACK DAHLIA MURDER / ARE YOU GOD? / ITSARI / CORPORATE DEATH

Hangar 110 - 06/04/08
São Paulo - SP (Bra)

Fim de tarde, início de noite chuvosa na terra da garoa. Do lado de fora já se notava que teríamos um grande público para a primeira (e única nessa tour) apresentação do **The Black Dahlia Murder** no Brasil. O palco do show era o Hangar 110, local onde a Liberation Media Company, a organizadora do evento, vem mostrando ao público bandas poderosas em apresentações cada vez melhores.

Três bandas brazucas estavam escaladas para abrirem o espetáculo. **Corporate Death**, **Itsari** e **Are You God?** esquentaram o público para a grande atração da noite. Após as três bandas, finalmente, era a vez do The Black Dahlia Murder entrar em cena. Executando as faixas de seus 3 full-lengths lançados (“Unhallowed”, “Miasma” e “Nocturnal”), a banda trouxe o Hangar 110 abaixo. Donos de uma precisão técnica absurda, a banda soou em todos os momentos como nos álbuns, sem cometer erros e empolgando o público.

O vocalista Trevor Strnad parecia ter um alter-ego, eram dois vocais em um só corpo. Um deles, berrando estridentemente como se sua corda vocal fosse sair boca a fora a qualquer momento, e no instante seguinte, gutural e macabro, com suas caras, bocas e gestos que caracterizam a performance ao vivo da banda. A dupla de guitarristas Brian Eschbach e John Kempainen são afinadíssimos, com seus riffs rápidos e solos memoráveis e muito bem encaixados e executados, que faziam o death metal moderno do The Black Dahlia Murder fluir como água por entre os vocais massacrantes de Trevor e a precisa bateria de Shannon Lucas. Aliás, Shannon é um caso a parte. Veloz e fulminante, massacrava os ouvidos e impunha breakdowns rápidos e violentos, dando o ritmo perfeito para a destruição sonora imposta pela banda.

O baixista Bart Williams completa o quinteto mostrando versatilidade e velocidade presente em todos os elementos do The Black Dahlia Murder. Faz um background bem competente, porém sem um destaque tão notável aos ouvidos do público. Impecável na parte técnica, o show teve apenas um porém. A banda desde o início de sua apresentação se mostrou bem empolgada e com grande senso de humor. Mas em uma dessas brincadeiras, acabou sendo mal interpretada por parte do público, que não gostou de alguns comentários do guitarrista Brian Eschbach. O que, com certeza, não prejudicou em nada o andamento do espetáculo e a bela performance do The Black Dahlia Murder naquela chuvosa e agitada noite de domingo. **ANDRÉ HENRIQUE FRANCO**
FOTOS: GUILHERME INFINE

AO VIVO

Napalm Death



NAPALM DEATH / SUFFOCATION / WARBRINGER / CONFRONT HATE / SEVEN STITCHES / WE ARE THE DAMNED

Cine-Teatro de Corroios - 17/05/08
Corroios (Por)

Uma mini-maratona de shows aconteceu no Cine-Teatro de Corroios para celebrar o retorno do **Napalm Death** a Portugal. Os britânicos trouxeram consigo os novaiorquinos **Suffocation**, e os californianos **Warbringer**. Já, a "prata da casa", foi representada pelas bandas **Confront Hate**, **Seven Stitches** e **We Are The Damned**. Com a sala ainda com apenas algumas pessoas, o We Are The Damned subiu ao palco para mostrar o trabalho do seu primeiro álbum, "The Shape of Hell to Come". A vocalista tem uma boa presença e não se intimidou pela fraca audiência. Apresentaram uma grande energia e pareciam dispostos a tocar ali durante horas, se fosse possível. Na sequência, a banda de Grândola, Seven Stitches, veio mostrar o que será feito em seu álbum de estréia, "When Hunter Becomes The Hunter", que sai no final do ano. Uma mistura de Death e Thrash com passagens mais técnicas, foi o que se ouviu. "Face To Face", que estará no álbum, deu início aos moshes, que se intensificavam com a presença do Confront Hate, banda de Faro, e a última portuguesa da noite. Conseguiram arrancar uma boa reação do público, que já ocupava grande parte do Cine-Teatro. Os breakdowns com contornos industriais adicionados aos riffs "thrashados" foram mais que suficientes para aquecer o público para as atrações internacionais. O que seria do Warbringer, sem o dito revival do Thrash Metal? Esses garotos americanos investem numa releitura do Thrash Metal dos anos 80, que anda muito em moda. O visual e a atitude Old School conquistou, surpreendentemente, o público que os recebeu muito bem e se divertiu bastante com as faixas do álbum de estréia, "War Without End". A essa altura, diversas bandas já haviam descarregado boas doses de agressividade, entretanto, quando o Suffocation iniciou seu set, percebeu-se logo que "o buraco era mais embaixo". Executaram um concerto técnico, preciso, com um peso descomunal e brutalidade ímpar. O frontman Frank Mullen é imparável e extremamente simpático. Assim como Frank, os restantes dos membros revelaram uma vitalidade monstruosa em palco, enquanto disparavam hostilidades como "Entrails Of You", "Abomination Reborn" e "Pierced From Within". Destaque especial para o baterista Mike Smith, por sua atuação sobrehumana. Se Suffocation é sinônimo de brutalidade, Napalm Death significa experiência. Não são 27 dias, nem 27 meses, mas sim, 27 anos de Death/Grindcore. Mark "Barney" Greenway, Shane Embury, Mitch Harris e Danny Herrera são não propriamente muleques, mas quando começam a tocar, pouco interessa a idade que tem. Ao contrário de muitos veteranos que se mantêm juntos pelo dinheiro, o Napalm Death ainda transpira a honestidade e carregam a responsabilidade de ser uma banda pioneira. Faixas como "Suffer The Children", "Scum", "Smear Campaing" e "The Code is Red...Long Live The Code" (essa última, com a participação especial de Frank do Suffocation), não deixam dúvida do poder e importância dessa banda britânica. Para encerrar não poderiam deixar de fora o cover de "Nazi Punks Fuck Off" do Dead Kennedys. Uma noite brutalmente inesquecível em Corroios. **MATHEUS MOURA**
FOTOS: PEDRO ROQUE

Suffocation



DAWN RIDER

⦿ ALPHA CHAPTER ⦿



NEW ALBUM
OUT NOW!

ragingplanet

I became a vegetarian many years ago
after listening to The Smiths'
'MEAT IS MURDER.'
It opened my eyes to the painful lives
of animals raised for food,
and I knew I wanted no part of that.

I AM BRIAN FAIR, AND I AM A
VEGETARIAN

SHADOWS FALL'S BRIAN FAIR FOR PETA2

For more information and free stickers and DVDs, please visit **peta2.com**